

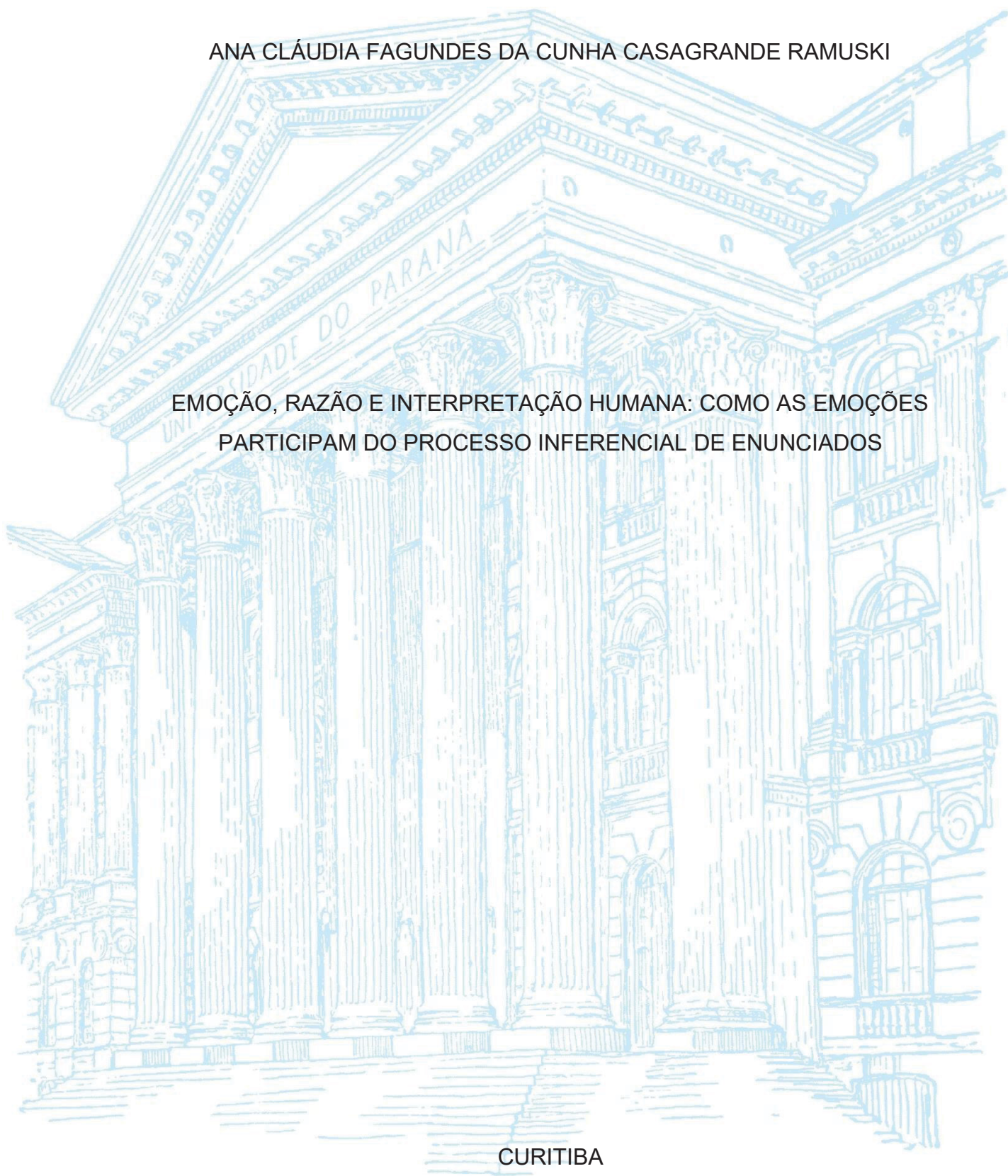
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANA CLÁUDIA FAGUNDES DA CUNHA CASAGRANDE RAMUSKI

EMOÇÃO, RAZÃO E INTERPRETAÇÃO HUMANA: COMO AS EMOÇÕES
PARTICIPAM DO PROCESSO INFERENCIAL DE ENUNCIADOS

CURITIBA

2022



ANA CLÁUDIA FAGUNDES DA CUNHA CASAGRANDE RAMUSKI

EMOÇÃO, RAZÃO E INTERPRETAÇÃO HUMANA: COMO AS EMOÇÕES
PARTICIPAM DO PROCESSO INFERENCIAL DE ENUNCIADOS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Elena Godoy.

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA

Ramuski, Ana Cláudia Fagundes da Cunha Casagrande
Emoção, razão e interpretação humana : como as emoções
participam do processo inferencial de enunciados. / Ana Cláudia
Fagundes da Cunha Casagrande Ramuski. – Curitiba, 2022.
1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação em Letras) – Universidade Federal do
Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação
em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elena Godoy

1. Emoções. 2. Interpretação. 3. Razão. 4. Relevância.
5. Linguagem. I. Godoy, Elena, 1947-. II. Universidade Federal do
Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **ANA CLÁUDIA FAGUNDES DA CUNHA CASAGRANDE RAMUSKI** intitulada: **EMOÇÃO, RAZÃO E INTERPRETAÇÃO HUMANA: COMO AS EMOÇÕES participam do PROCESSO INFERENCIAL de ENUNCIADOS.**, sob orientação da Profa. Dra. ELENA GODOY, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 14 de Outubro de 2022.

Assinatura Eletrônica

14/10/2022 17:59:33.0

ELENA GODOY

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

19/10/2022 17:20:11.0

FÁBIO JOSÉ RAUEN

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA)

Assinatura Eletrônica

14/10/2022 19:03:08.0

MARIANA PAULA MUNOZ ARRUDA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

14/10/2022 17:30:07.0

SEBASTIÃO LOURENÇO DOS SANTOS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)

Assinatura Eletrônica

24/10/2022 16:23:34.0

RODRIGO BUENO FERREIRA

Avaliador Externo (PESQUISADOR)

Rua General Carneiro, 460, 10º andar - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5102 - E-mail: ppglet@gmail.com

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 227058

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 227058

Dedico meu trabalho à minha família, que é a minha base e o meu porto seguro. À minha mãe Zilda F. da Cunha, e ao meu marido Daniel C. Ramuski, que estiveram comigo em todos os passos e sempre me apoiaram, estando sempre presentes durante a minha jornada. E aos meus amigos queridos que me ajudaram, me ouviram e me apoiaram em momentos de dificuldade. Dedico este trabalho a todos vocês!

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha vida, e pelas bençãos infinitas.

À minha família, que é a minha base e o meu porto seguro. À minha mãe Zilda F. da Cunha, e ao meu marido Daniel C. Ramuski, que estiveram comigo em todos os passos e sempre me apoiaram e estiveram presentes na minha jornada.

À minha orientadora Elena Godoy, pela paciência, competência, carinho e orientação durante todo o processo, e ao querido amigo André Luiz Almeida, que foi quem me apresentou ao grupo e me ajudou a participar do primeiro evento. À amiga Crisbelli Domingues, que me acolheu tão bem, me pegou pela mão e me ajudou a trilhar meu caminho na Pragmática, sempre me ensinando e me ajudando a melhorar, ao querido amigo Marco Aurélio, parceiro de aulas, estudos e trabalhos, e meus agradecimentos ao grupo Linguagem, Comunicação e Cognição UFPR, que sempre me acolheu e me ajudou a chegar até aqui.

Aos meus amigos, Alexsandra Massolini, Danielle Boler, e tantos outros, que me ouviram nos momentos bons e ruins, e que sempre tiveram palavras de carinho e encorajamento em momentos difíceis.

E por fim, mas não menos importante, agradeço ao programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, e ao programa CAPES pelo financiamento da pesquisa.

“Beleza então, Eleninha! Estamos *margarinas!*”

Momento de cristalização de uma implicatura particularizada com minha orientadora, Profa. Elena, em junho de 2022.

RESUMO

O avanço das ciências cognitivas e das neurociências – notadamente na virada do último século – trouxe uma nova visão integrativa entre o papel das emoções e os processos lógico-rationais no comportamento humano. Destaca-se, nesta visão contemporânea, que as emoções não são um obstáculo à racionalidade, mas elementos auxiliares, com papel complementar inseparável da lógica nos processos de tomada de decisão. Partindo de tal perspectiva, o presente estudo propõe que emoções e racionalidade são componentes igualmente importantes no comportamento de comunicação humana, entrando em jogo simultaneamente nos processos de compreensão e interpretação de enunciados. O estudo propõe a análise de duas situações comunicativas reais, retiradas do uso cotidiano da linguagem, que são investigadas sob a perspectiva da afetividade e da racionalidade, programa apoiado por teorias e construções teóricas provenientes das neurociências, da Pragmática linguística e da Psicologia Cognitiva. A exploração interdisciplinar conclui que existe uma sólida interface entre as emoções e os processos lógico-rationais na interpretação de enunciados na comunicação humana.

Palavras-chave: Emoção. Interpretação. Razão. Relevância.

ABSTRACT

The advance of cognitive sciences and neurosciences at the turn of the last century brought a new integrative vision between the role of emotions and logical-rational processes in human behaviour. It is emphasized in this contemporary view that emotions are not an obstacle to rationality; they are auxiliary elements, with a complementary role to that of logic in decision-making processes. Taking this approach, the present study proposes that emotions and rationality are equally important components in human communication behaviour, acting with similar strength in the processes of understanding and interpreting utterances. The study proposes the analysis of two communicative real-life situations, which are investigated from the perspective of affectivity and rationality. This investigative program is supported by theories and theoretical constructs drawn from neuroscience, linguistic pragmatics and cognitive psychology. The interdisciplinary exploration concludes that there is a solid interface between emotions and logical-rational processes in the interpretation of utterances in human communication.

Keywords: Emotion. Interpretation. Reason. Relevance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	– FLUXOGRAMA DA TEORIA DE GRICE	25
QUADRO 1	– EMOÇÕES	43
FIGURA 2	– CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA (<i>RESEARCH ONION</i>)	54
GRÁFICO 1	– OTIMIZAÇÃO DA RELEVÂNCIA INFORMATIVA	58
GRÁFICO 2	– MAXIMIZAÇÃO DA RELEVÂNCIA (RE)	60
GRÁFICO 3	– MAXIMIZAÇÃO DA RELEVÂNCIA EMOTIVA (RE) PARA A ESPOSA	62
QUADRO 2	– PROCESSAMENTO INFORMATIVO E EMOTIVO	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	JUSTIFICATIVA	14
1.2	HIPÓTESE	15
1.3	OBJETIVO	15
1.4	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	16
2	PRAGMÁTICA	17
2.1	SIGNIFICADO SEMÂNTICO E SIGNIFICADO PRAGMÁTICO	17
2.1.1	Primeiro exemplo: “ <i>franguinha biscoitosa</i> ”	20
2.2	OS PRESSUPOSTOS DE GRICE	24
2.2.1	Segundo Exemplo: “ <i>Eu te amo!</i> ”	27
2.3	TEORIA DA RELEVÂNCIA	28
2.3.1	Explicaturas e Implicaturas	30
2.3.2	Princípios Cognitivo e Comunicativo	31
2.3.3	Contexto e Ambientes Cognitivos	33
2.3.4	Inputs	37
2.3.5	Emoções (ou a falta delas na TR)	40
3	AS EMOÇÕES	43
3.1	COMO AS EMOÇÕES ACONTECEM	43
3.2	COMO A EMOÇÃO SE RELACIONA COM O CORPO	48
4	INTERPRETAÇÃO HUMANA E EMOÇÕES	53
4.1	METODOLOGIA	55
4.2	EFEITO RACIONAL E EMOCIONAL NA INTERPRETAÇÃO DOS ENUNCIADOS EXEMPLIFICATIVOS	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
	REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO

Na presente dissertação busca-se estudar a relação entre a linguagem, emoções e sentimentos na comunicação, especificamente, como sentenças produzidas pelos falantes permanecem com ostensão ótima, mesmo quando já não têm mais nenhuma intenção informativa aparente por parte do falante. Constrói-se, assim, um argumento que considera os aspectos racionais da linguagem, integrando os aspectos emocionais no processo comunicativo.

O conceito de emoção empregado nesta pesquisa é proveniente das ciências cognitivas, com estruturação mais evidente a partir do final da década de 1980 e consolidação no início do século XXI. Entretanto, o estudo das emoções é antigo nas ciências, com os estudos da mente que ganharam terreno e fixaram-se no campo da Filosofia desde René Descartes (1596–1650), Baruch de Espinoza (1632–1677) e David Hume (1711–1776), filósofos que mostravam em suas reflexões uma forte dicotomia corpo/mente. Para esses filósofos, as emoções eram sinais de distúrbios, e uma mente “sadia” seria aquela livre de paixões.

Além do viés filosófico, as emoções foram analisadas a partir do seu papel evolutivo. Na Biologia destaca-se a obra pioneira de Darwin (1809–1882), que em 1872 publicou “A expressão das emoções no homem e nos animais”, descrevendo em detalhes e reconhecendo o papel dos afetos e estados emotivos nos relacionamentos e socialização, sendo que a sua universalidade seria um importante indício da origem única de toda a espécie humana (DARWIN, 2009). O fim do século XIX também teve o estudo das emoções marcado pela reafirmação do seu papel comportamental e incorporando-as como um fator humano inegável – não mais um problema etéreo a ser extirpado do corpo racional – expresso principalmente nas obras de William James (1842–1910) e Sigmund Freud (1856–1939), fundadores da Psicologia e Psicanálise contemporâneas.

Contudo, o papel das emoções e dos sentimentos ficou obscurecido pela era behaviorista e seus pesquisadores mais conhecidos, como Leonard Bloomfield (1887–1949) e Burrhus Frederic Skinner (1904–1990), que demonstravam maior inclinação para estudos de Psicologia experimental que, no geral, consistiam apenas na análise de dados verbalizados pelos pacientes. Em busca de uma cientificidade fortemente positivista, acreditavam que a subjetividade – embora fosse um fato concreto no comportamento humano – não era algo acessível para estudos objetivos, e

consideravam que era mais conveniente observar e analisar a linguagem somente pelo viés da razão.

Os avanços das ciências do comportamento, principalmente a Psicologia, foram potencializados no fim do século XX pelas conquistas de novas tecnologias, dentre as quais destaca-se a capacidade inédita de visualizar o cérebro em funcionamento. Anteriormente, a testagem do funcionamento cerebral e estabelecimento de níveis basais só era possível em pacientes com neuropatologias, lesões cerebrais ou em situações cirúrgicas. Isso mudou com o advento de aparelhos que realizam ressonância magnética e tomografias, entre outras formas de neuroimagem (MOURÃO-JÚNIOR; OLIVEIRA; FARIA, 2017).

Assim, as ciências cognitivas assumiram papel de destaque no estudo das emoções, fato que se estende até a atualidade. Nesta trajetória é importante notar como as emoções foram progressivamente reintegradas ao sistema mente-corpo, dualidade que foi fortemente questionada nas últimas décadas. Contemporaneamente, predomina a concepção de que as emoções são componentes fundamentais do processamento cerebral como um todo, e que o corpo e as sensações são participantes de processos anteriormente considerados como puramente racionais ou automáticos (MOURÃO-JÚNIOR; OLIVEIRA; FARIA, 2017).

O estudo das emoções estendeu-se também aos centros cerebrais de uso da linguagem, bem como ao processamento da compreensão e interpretação. Segundo o neurocientista Damásio (1994), a compreensão de uma situação está intrinsecamente ligada às sensações e percepções disponíveis no contexto sob análise, e entender como funcionam os mecanismos biológicos subjacentes às emoções e aos sentimentos é essencial na descrição dos processos decisórios. De acordo com o autor:

[...] o sistema de raciocínio evoluiu como uma extensão do sistema emocional automático, com a emoção desempenhando vários papéis no processo de raciocínio. Por exemplo, a emoção pode dar mais relevo a determinada premissa e, assim, influenciar a conclusão em favor dessa premissa. A emoção também auxilia no processo de manter na mente os vários fatos que precisam ser levados em consideração para chegarmos a uma decisão (DAMÁSIO, 2020a, p. 13).

Considera-se que os processos interpretativos envolvidos no uso da linguagem são atravessados pelos estados emocionais e pelos afetos dos interlocutores, já que toda interpretação de uma sentença está condicionada a

diversas variáveis internas e externas aos indivíduos, componentes de processos decisórios para chegar ao significado final pretendido e efetivamente compreendido em uma sentença. Assim, esta pesquisa busca explorar as teorias das diferentes áreas (Pragmática, neurociências, Psicologia) para realizar uma conexão entre os estudos da linguagem, congregando a razão, emoção e sentimentos na interpretação de enunciados.

1.1 JUSTIFICATIVA

Um importante motivador desta pesquisa foi a necessidade de dar continuidade ao projeto científico que desafia a dicotomia cartesiana entre razão e emoção. Considera-se que é importante realizar a integração da estrutura emocional com o processo lógico/cognitivo da interpretação das elocuções humanas, dado que os seres humanos são trespasados pelas emoções e sentimentos continuamente, e observa-se que os afetos são norteadores de muitas das ações desempenhadas diariamente. A partir da área de estudos da Linguística – especificamente da Pragmática – pretende-se contribuir para essa discussão, trazendo a análise de situações cotidianas de uso da linguagem que comprovam a participação das emoções na compreensão satisfatória de enunciados, constatando o papel fundamental dos afetos na comunicação.

A relevância deste tema, além da contribuição para a integração entre racionalidade e emoções, se estende para sua vocação interdisciplinar, já que a abordagem compreensiva do fenômeno propõe uma associação entre os estudos da linguagem, das neurociências e da Psicologia. Embora não se questione o valor da produção e tampouco o avanço de nenhum desses campos, considera-se que, em atuação individual, nenhum deles pode dar conta sozinho do fenômeno integral da associação entre razão e emoção na comunicação humana. Sendo assim, a demonstração de como tais saberes e conceitos teóricos articulam-se é considerada também como função desta pesquisa, reforçando as contribuições das áreas em questão para aproximar gradualmente as ciências de uma explicação mais adequada do comportamento humano, fenômeno de abordagem complexa por sua própria natureza.

Além disso, a interdisciplinariedade aqui proposta não trata apenas de mostrar como os conceitos de diferentes área se articulam, mas sim de como eles se

potencializam mutuamente, construindo modelos explicativos que não seriam possíveis sem múltiplas contribuições, enriquecendo cada ciência participante como consequência. Neste sentido, esta pesquisa contribui também para o próprio Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR, âmbito no qual se realiza, demonstrando a possibilidade de integração com outros Cursos, Programas e Setores no avanço da produção científica nacional.

1.2 HIPÓTESE

Dentro do contexto exposto anteriormente, a hipótese dessa dissertação é que a racionalidade e os seus processos vinculados têm o objetivo principal de dirigir da melhor forma as decisões a serem tomadas, incluindo a adoção de certos comportamentos – verbais e não verbais – diante de uma determinada situação problema. Portanto é razoável supor que, nos processos comunicativos, o comportamento de busca de inferências válidas é perpassado por estratégias racionais, que envolvem algum tipo de lógica processual (DAMÁSIO, 2020a). Com isso em vista, é possível inferir que se os sentimentos e emoções são os reguladores básicos do organismo, eles então também participarão do processo de interpretação e comunicação humana.

1.3 OBJETIVOS

De acordo com o proposto anteriormente para a imbricação das emoções com a racionalidade, e considerando a necessidade de mostrar de fato como isso pode ocorrer na comunicação, a questão de pesquisa é: *como as emoções se relacionam com a racionalidade nos processos comunicativos?*

Decorrente da questão de pesquisa será abordado um recorte dos processos comunicativos, pois este incluem diversas situações, numericamente intratáveis no âmbito de uma dissertação. Sendo assim, o objetivo geral é *descrever como as emoções participam do processo inferencial de enunciados*. Conseqüentemente, o objetivo geral remete a três objetivos específicos:

- Descrever o processo lógico/racional de interpretação de enunciados, com base na Pragmática;

- Descrever o que são emoções e como se relacionam com o processo decisório lógico-racional, com base na Psicologia e nas neurociências;
- Analisar os enunciados de duas situações comunicativas cotidianas, para constatar a relação entre emoção e processos lógicos na interpretação completa ou satisfatória necessária à comunicação efetiva.

Para cumprir os objetivos mencionados esta dissertação apresentará capítulos específicos para cada um dos objetivos específicos, consolidando as conclusões e considerações finais que abordarão o objetivo geral.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Para a realização dos objetivos expostos a dissertação divide-se em cinco seções definidas. A presente seção de Introdução constituiu o primeiro capítulo, e trouxe a justificativa e os objetivos da pesquisa. O próximo capítulo, Pragmática, apresenta os princípios e estruturas pragmáticas que baseiam a comunicação humana, com foco na proposta de Grice (1975) e na Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 1995). Esta seção estabelece a base cognitiva racional sobre a qual se depositam as emoções, consideradas nesta dissertação como elemento indissociável no ato interpretativo.

As emoções compõem o foco do terceiro capítulo, no qual apresenta-se uma revisão sobre os trabalhos de Damásio (2018, 2020a; 2020b), descrevendo como o autor entende o funcionamento das emoções, seu papel crucial na preservação do corpo, da mente e na manutenção da homeostase e, finalmente, como elas participam do processo cognitivo e se coordenam com a racionalidade pura, determinando conjuntamente o processo de tomada de decisões.

No quarto capítulo as estruturas teóricas apresentadas para comunicação e emoção são aplicadas conjuntamente à análise de dois exemplos de uso cotidiano da linguagem. Com esta análise busca-se ilustrar o fato de que a visão cognitiva puramente lógico-racional, sem a participação das emoções, não é suficiente para

explicar de forma satisfatória e completa a interpretação de enunciados. O capítulo também destaca como as emoções desempenham um papel crucial na comunicação e nos processos interpretativos.

No quinto e último capítulo, serão feitas as considerações finais da discussão, apontando para uma possível expansão na área de estudos da linguagem, rumo a uma interface entre os estudos da linguagem, neurociência, Psicologia e comunicação.

2 PRAGMÁTICA

Este capítulo aborda alguns conceitos fundamentais da Pragmática, destacando a solução lógico-racional de questões comunicativas. Inicialmente, apresenta-se uma distinção entre o significado semântico e o pragmático, considerando que significado será uma importante unidade de análise na proposta que envolve racionalidade e emoção como componentes indissociáveis na interpretação e nos processos inferenciais. Serão também destacados a proposta inicial de Grice (1975) para a relevância e o seu desenvolvimento para chegar até a Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 1995), elencando conceitos fundamentais destes construtos teóricos. Ao longo do capítulo, as duas situações comunicativas “Franguinha Biscoitosa” e “Eu te amo” serão brevemente empregadas para ilustrar alguns dos conceitos, passando por detalhamento de análise em capítulo posterior.

2.1 SIGNIFICADO SEMÂNTICO E SIGNIFICADO PRAGMÁTICO

A Semântica formal de Gottlob Frege (1892) propôs um modelo baseado na lógica das condições de verdade de uma proposição, “ou seja, tudo o que for relevante para a descrição do estado das coisas no mundo pode ser expresso por uma sentença, desde que haja relação de identidade com um referente no mundo” (SANTOS, 2009, p. 15).

Para esse modelo, segundo o autor, há uma questão fundamental: como se processa na mente essa relação interacional das coisas e ideias do mundo com os seus significados? A resposta para esse questionamento é que seria a linguagem a responsável por essa mediação; porém, é necessária uma instância intermediária entre os fatos do mundo e a representação que os falantes/indivíduos têm na mente humana que opera o aparelho linguístico e que são as *referências* que promovem essa conexão.

Considerando a referência como forma de “identificação” de uma palavra ou elocução com algo que existe no mundo, ou que poderia existir dentro de um leque de possibilidades, mesmo que o indivíduo não conheça esse “algo” de maneira factual, esse conceito é convergente com a definição de referência para a Semântica, que entende *referência* como o conteúdo, um valor de verdade, uma ligação direta entre o

fato/objeto no mundo e a palavra/elocução que aponta para ele, ainda que não se considere a representação como uma equivalente material do objeto, mas apenas como uma representação simbólica (SANTOS, 2009). Assim, para o autor, uma proposição contém o significado semântico como o conteúdo denotativo da sentença. As mesmas condições de verdade que se aplicam para as proposições representarem as coisas no mundo serão as condições de verdade para uma sentença, ou seja, a proposição é o conteúdo da sentença.

Nos apontamentos de Santos (2009) de acordo com a Semântica, uma proposição p pode ser unida com uma proposição q , gerando uma representação lógica p e q . Neste caso, o “e” é um conector lógico que estabelece relação entre as proposições. Desta forma, se p for verdadeira e q também for verdadeira, então p e q é verdade da mesma forma. Como decorrência, se a proposição p for falsa, se q for falsa, ou se ambas foram falsas, então p e q será necessariamente falsa por resultante lógica. Entretanto, na realidade da comunicação humana, o conector lógico “e” desempenha um papel ampliado, que vai além da simples conexão entre duas proposições. Observe-se o exemplo a seguir:

- (A) Ele comprou um carro e tirou a carteira
- (B) Ele tirou a carteira e comprou um carro

Nas sentenças acima, “ele comprou um carro” (p) e “ele tirou a carteira” (q) são proposições, que podem ser verdadeiras ou não, portanto, podem constituir um sistema do tipo p e q . Se as duas proposições são verdadeiras, então p e q são verdadeiras. Dentro das condições da lógica formal, satisfeitas as condições de verdade, se p e q é verdadeira, então q e p também seria verdadeira. Entretanto, como Santos (2009) argumenta, o fato das duas sentenças serem semanticamente válidas (p e $q = q$ e p) não quer dizer que elas apresentem o mesmo significado, pois observa-se que a ordenação das proposições, bem como o estabelecimento do conector lógico “e”, geram efeitos diferentes de temporalidade ou de causalidade na comunicação real.

No exemplo (A) é possível inferir que a pessoa primeiro comprou um carro e então tirou a carteira. Já no exemplo (B) entende-se que a pessoa primeiro tirou a carteira, para então realizar a compra do carro. Por mais que as frases sejam parecidas, elas na verdade apontam para uma diferença na ordem dos

acontecimentos, e isso interfere na interpretação. Como os acontecimentos ocorrem em certa ordem temporal, com relação de causa e consequência, o significado real da sentença deriva da observância de princípios a serem definidos, e que não são completamente explicados pela lógica formal. Nesse caso, de acordo com Santos (2009) a Semântica formal pode dar conta do significado descontextualizado, quando se analisam apenas as condições de verdade para sentenças e proposições, mas o significado real, aquele pretendido pelo falante, depende de condições contextuais que operam sobre a interpretação e compreensão, o que seria o domínio da Pragmática.

Nas sentenças (A) e (B) fica evidente a necessidade de considerar outros fatores na interpretação que extrapolam o conteúdo semântico e o significado formal da sentença para a compreensão, ou seja, para a maior aproximação possível do significado pretendido pelo interlocutor. Santos (2009) indica que a *intenção* do falante, por exemplo, é essencial para a interpretação das sentenças, entre outros fatores intervenientes:

Não se deve esquecer que a mente humana avalia e processa os componentes sintático, semântico e pragmático em consonância com vários componentes circunstanciais não-linguísticos que entram em jogo simultaneamente no ato social da comunicação (SANTOS, 2009, p. 18).

Para dar conta da interpretação dos enunciados, falantes e ouvintes precisam levar em consideração os componentes sócio culturais, afetivos e conceituais, pois em algumas situações os métodos lógico-dedutivos não são suficientes para a interpretação do significado.

2.1.1 Primeiro exemplo: “*franguinha biscoitosa*”

Na coleta de dados para esta pesquisa uma das situações comunicativas selecionadas foi relacionada à expressão “franguinha biscoitosa”, utilizada por um homem para se referir à sua companheira. Essa expressão foi originalmente expressa em um contexto íntimo e com a intenção de tratamento carinhoso na relação entre o casal. A expressão é conveniente para estabelecer os primeiros conceitos de análise semântica, expressos no significado lexical, e como se diferenciam do significado pragmático.

As categorias de formas de tratamento podem ser classificadas através dos critérios morfossintáticos, sintáticos-semânticos ou semânticos-pragmáticos. Especificamente, na Semântica lexical (por vezes também referida como lexicosemântica), as unidades de análise são palavras, subpalavras (ou subunidades, como afixos) e até mesmo palavras e frases compostas. A análise da correlação do significado das unidades lexicais com a estrutura da linguagem ou sintaxe (denominada “interface semântica de sintaxe”) mostra que unidades lexicais podem ser independentes, o que se observa nas palavras raiz, nas partes de palavras compostas ou no caso dos prefixos e sufixos, que se anexam a outras unidades.

Como está sendo focado aqui o nível semântico, segundo Rodrigues (2003), observa-se em nível de Semântica lexical algumas opções de tratamento: i. nome próprio (Antônio); ii. nome de parentesco (pai); iii. nome de afeto (querido); iv. nome de profissão (professor); v. título acadêmico (doutor, mestre), político (senador), civil (presidente), militar (coronel; general), religioso (padre); vi. título nobiliárquico (príncipe); vii. títulos honoríficos (Vs. Santidade); viii. senhor/ a; dona; ix. nomes de relação especial (camarada, vizinha etc.); x. insultos (burro). De acordo com as definições possíveis, a expressão “franguinha biscoitosa”, ao nível de Semântica lexical, pode ser considerada como um nome de afeto.

O adjetivo de afeto “franguinha” é formado com o substantivo “franga” agregado à flexão diminutiva em -inha. Conforme Sandmann (1989), nos adjetivos, o sufixo diminutivo tem a função original de expressar ordem de grandeza, mas também é uma forma assertiva de veicular conteúdo afetivo, permitindo a modalização emotiva no uso da palavra. Outros exemplos podem ser utilizados, como “amorzinho”, “queridinho” e afins, que indicam afeto. Até mesmo palavras como “atrasadinho” e “amassadinho” podem ser vistas como afetuosas, atenuadoras ou irônicas, pois, como acontece com outras palavras que apresentam morfemas de grau, estão envolvidos também aspectos pragmáticos.

Observa-se que morfemas de grau assemelham-se a prefixos como “mini”, “maxi”, “arqui”, e “super” (também estes morfemas de grau). Os prefixos que preenchem a função sintática de determinante (DT) no sintagma lexical assemelham-se aos adjetivos e advérbios, desempenhando função adnominal ou adverbial nos sintagmas nominais e verbais. Os sufixos que alteram as classes das palavras ou transpõem a base para outra classe referencial desempenham a função de

determinado (DM), portanto, os sufixos de aumentativo e diminutivo são o DT do produto da formação de palavras (SANDMANN, 1989).

A expressão sob análise tem um de seus componentes presente no dicionário Michaelis (2000) como “*franguinha*: sf. (dim.) 1. Diminutivo de *franga*; 2. Pop. Mocinha”. Em outra definição (PORTO, 2022), sem o diminutivo, encontra-se: “*fran.ga*: nome feminino. 1. galinha nova que ainda não põe ovo. 2. *figurado* rapariga nova e bonita”. Assim, encontra-se no léxico uma definição para “franguinha” que aponta para o significado de moça jovem e bonita.

Pode-se observar que, além da entrada lexical dicionarizada, também existe a inferência pragmática envolvida na expressão “franguinha” para que ela seja compreendida como pronome de tratamento afetivo. Entretanto, observa-se que também existe a possibilidade de utilizar o tratamento “franguinha” em contextos ofensivos, como tratamento degradante para jovens do gênero feminino.

Já a palavra “biscoitosa” tem como componente terminal *-osa*, que opera a função semântica de “estar provido de” ou “estar cheio de”. Em gíria, conforme exemplo em Sandmann (1989), o mesmo componente aparece nas palavras *pintoso* como adjetivo masculino derivado de “(boa) pinta”, e *panterosa* como adjetivo feminino derivado de “pantera”.

No dicionário, a palavra mais próxima encontrada seria *biscoitada*, que conforme Michaelis (2000) é: “*biscoitada*: sf. (*biscoito* + *'ada*) 1. Porção de biscoitos; 2. Iguaria feita com biscoitos. A palavra ‘biscoito’, aparece no dicionário Michaelis (2000) com a seguinte definição: “*biscoito*: sm (*latim biscoitu*) 1. Massa de farinha ou fécula, cozida no forno até ficar a massa bem seca. 2. Bolacha. 3. Bofetão, sopapo. 4. Massa de porcelana não vidrada. Da palavra *biscoito* e da sua definição inicial pode-se traçar o trajeto até outra definição, que lembra também a palavra *biscuit* (fr.), que no dicionário Michaelis está definido como: 1. Porcelana fina, duas vezes cozida, que imita mármore branco na cor ou no aspecto. 2. Pessoa ou coisa delicada e frágil.

Considerando as definições encontradas para “biscoito” e palavras relacionadas, propõe-se que a palavra “biscoitosa” emerge da junção de *biscoit-* com o sufixo *-osa* (“estar provido de” ou “estar cheio de”), configurando um adjetivo derivado flexionado em gênero feminino que, embora obedeça às regras gramaticais para sua formação, só pode ser plenamente compreendido através do contexto de fala dos indivíduos.

As palavras podem vir acompanhadas ou não de determinantes (definidos e/ou possessivos) e de adjetivos. No caso da expressão sob análise, percebe-se que a expressão aparece sem o determinante, porém, no enunciado, o indivíduo se refere à sua companheira como “minha franguinha biscoitosa”, compondo uma expressão de uso bastante particularizado, referente a uma pessoa específica, e envolvendo dois participantes bem definidos em contexto de intimidade.

O apelido “franguinha biscoitosa” relaciona-se ao tratamento afetoso do indivíduo com a sua parceira mas, se analisado fora de contexto, ele constitui uma expressão constituída por dois itens lexicais: 1) “franguinha”, que tem conotação ambígua, pois pode ser um diminutivo carinhoso mas também pode ser um qualificador feminino negativo; e 2) “biscoitosa” um adjetivo derivado do item lexical “biscoito”, mas também sem conotação definida apenas pela análise de sufixação.

Existe, portanto, ambiguidade na interpretação puramente lógica dos itens lexicais, combinados em uma expressão que é críptica fora do contexto de seus usuários originais. A expressão só pode ser adequadamente compreendida como enunciação em contexto conversacional mútuo dos falantes, onde existe partilha de informações e de sentimentos, e que é inerente ao casal do qual o exemplo foi extraído. A análise sintático-semântica dos nomes não é suficiente para compreender o significado do falante, que não será alcançado sem um nível contextual de interpretação.

A breve análise exposta até aqui indica que é possível compreender parcialmente o significado da expressão “franguinha biscoitosa” através da Semântica, mas também mostra que há necessidade de contexto e identificação de intenções para que o enunciado e a situação comunicativa sejam plenamente interpretadas. A fronteira que separa a Semântica e a Pragmática é bastante discutida. Embora não se procure generalizar os campos de estudo, uma divisão didática identifica a Semântica como os estudos focados no significado proveniente do conhecimento linguístico do falante, enquanto a Pragmática busca trazer à tona os aspectos do significado que circundam o comportamento linguístico, já que a intenção e a interpretação também são afetadas pelo mundo físico, cognitivo, cultural e social.

A Pragmática estuda o significado de enunciações dentro de um contexto, e como elas podem ser empregadas no ato da comunicação. Um enunciado, por ser intencional, consciente ou inconsciente, depende das circunstâncias mentais, culturais e sociais nas quais é produzido. Pode-se dizer, então, que a Pragmática se ocupa dos

princípios regulares que guiam e regem os processos de produção e interpretação dos significados em uso pelo falante.

Estes fatores são importantes porque, na prática linguística, observa-se que os indivíduos usam palavras e estruturam enunciados, mas nem sempre o significado deste conjunto de elementos reside apenas naquilo que foi dito, pois o significado também pode estar no que não foi dito, ou seja, no que está implicado. Por esse motivo, a Pragmática tem como objeto de estudo aquilo que é comunicado, e não apenas o que é dito (como seria na Semântica). O processo de interpretação do que foi implicado, se dá via inferências.

A partir disto, pode-se pensar que no processo de comunicação humana é necessário levar em conta vários componentes linguísticos e extralinguísticos, caso contrário, a interpretação poderá produzir mal-entendidos ou significados ambíguos.

2.2 OS PRESSUPOSTOS DE GRICE

A consideração dos componentes extralinguísticos estrutura a Pragmática, principalmente no que concerne à linguagem em seu contexto de uso. No livro *Logic and Conversation* (1975) o autor Grice organiza muitos desses elementos extralinguísticos, e supõe que deve haver algum tipo de regra que permite a um falante implicar mais do que está sendo dito, e a um ouvinte compreender essa informação extra (STREY, 2011).

De acordo com Grice, as pessoas *dizem e implicam*, sendo que: 1) o que é *dito* é determinado pelas condições de verdade de uma proposição, decodificada linguisticamente nas palavras e 2) o que é *implicado* se estende para além do que é dito, e depende de fatores inferenciais que compõem o enunciado, mas que não são apenas decodificados nas palavras.

Para Grice (1982), a comunicação humana é baseada no Princípio da Cooperação (doravante PC), definido como “dê sua contribuição à comunicação na maneira solicitada, quando ela ocorre, pelo objetivo reconhecido da comunicação de que você está participando”. Seria, portanto, um acordo tácito entre as partes de colaboração na tarefa de se comunicar. Esse princípio evitaria a produção de mal-entendidos, contribuindo para a melhor fluidez na comunicação (SANTOS, 2009). O Princípio é composto pelas Máximas Conversacionais, que dirigiriam a conversação para que fosse bem-sucedida, sendo elas:

- a) Máxima da quantidade: faça a sua contribuição tão informativa quanto possível para o propósito do intercâmbio verbal e não dê informações além do necessário;
- b) Máxima da qualidade: Faça uma contribuição verdadeira; não diga o que acredita ser falso, e nem algo cuja verdade você não tem certeza;
- c) Máxima do modo: Seja claro, evite obscuridade de expressão, evite ambiguidade, seja breve e seja ordenado;
- d) Máxima da relevância: seja relevante (diga apenas o necessário).

Quando alguma destas máximas é violada ocorre, então, a implicatura, e os ouvintes participantes da interação devem recorrer às inferências para chegar à intenção inicial pretendida pelo falante. Entretanto, deve-se compreender a diferença entre os dois processos:

[...] é preciso salientar que as inferências são universais e as implicaturas são contextuais; portanto, os interlocutores podem chegar a ideias parecidas, dependendo do contexto em que se encontram. No caso das implicaturas, elas são culturais, influenciadas pelos comportamentos, atitudes, crenças, valores e desejos múltiplos de uma comunidade humana, e tais diferenças se acumulam para gerar diferentes interpretações dos mesmos fatos disponíveis no mundo (SANTOS, 2009, p. 37).

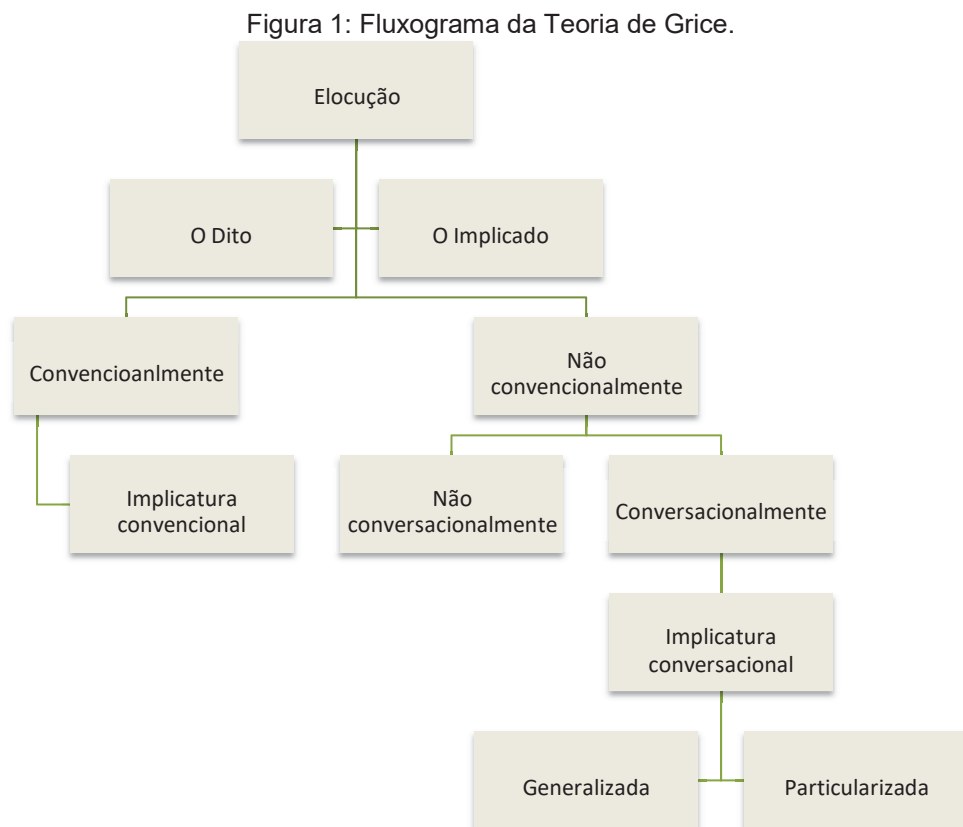
Para o autor, embora possa ocorrer o processamento simultâneo de inferências e implicaturas, elas decorrem de mecanismos interpretativos diferenciados. A implicatura é contextual, o conteúdo subentendido ou o significado implícito de uma sentença pretendida, pelo falante, quando ele escolheu sua forma de enunciação e se apoia sobre determinantes culturais localizadas. Por outro lado, a inferência é universal, é o processo de “desimplicar” o que está implícito para desvelar o significado do falante trazendo para o primeiro plano o que não foi dito, mas que se acredita que foi comunicado em uma compreensão mais ampla.

Entre os tipos de implicaturas possíveis encontram-se as *convencionais* e as *conversacionais*, sendo as últimas divididas entre *generalizadas* e *particularizadas*. As implicaturas *conversacionais generalizadas* não dependem de qualquer detalhe particular sobre a situação conversacional em que é sugerida (GRICE, 1989, p. 38), ou seja, uma circunstância ou contexto de uso, a interpretação de um enunciado pode

ser derivado semanticamente de algum tipo de expressão linguística ou do contexto gramatical. Desta forma, a implicatura conversacional generalizada requer menos esforço cognitivo do que a particularizada.

A implicatura *conversacional particularizada* é caracterizada pelo apelo aos valores, contexto, comportamentos, sentimentos, emoções, sensações, motivações e convenções próprias e particulares construídas ao longo do tempo entre os interlocutores. Ou seja, são implicaturas que emergem na mente dos interlocutores como efeitos colaterais do significado aportado em um contexto específico. Portanto, segundo Domingos (2016), a implicatura particularizada exige uma sofisticação cognitiva diferente daquela empregada no processamento das implicaturas triviais, porque é dependente de um engajamento e de uma sintonia interpretativa mais fina, talvez mais íntima, entre indivíduos em uma conversação, para que haja a inferência e a interpretação eficaz do significado pretendido.

A representação da Teoria de Grice é ilustrada na Figura 1:



Fonte: Adaptado do quadro de Santos (2009).

O conceito de PC e implicaturas é uma referência teórica que marca a comunicação ideal, pensando em um modelo lógico de uso da linguagem. Porém, na

prática da comunicação real, observa-se constante quebra das máximas conversacionais com o objetivo de gerar efeitos cognitivos no ouvinte, que modulam a interpretação de acordo com a intenção do falante.

2.2.1 Segundo Exemplo: “*Eu te amo!*”

O segundo exemplo de situação comunicativa selecionado para este estudo (“Eu te amo”) é ilustrativo dos conceitos tratados até aqui. Nesta situação, a esposa ao voltar do salão pergunta ao marido:

- (C) Esposa: Você gostou do meu cabelo?
Marido: Eu te amo!

No enunciado, pode-se observar que as máximas de qualidade, modo e quantidade foram quebradas. Quando a esposa faz a pergunta ao marido: “Você gostou do meu cabelo?”, para que a resposta respeitasse a máxima de qualidade, a resposta do marido poderia oscilar entre “sim” e “não”, ou algum comentário pertinente que indicasse objetivamente o que ele pensa sobre a aparência do cabelo da esposa, que poderia ser algo como (i) ficou muito bonito, (ii) adorei esse corte, ou (iii) achei que não ficou tão bom. Contudo, com a resposta “eu te amo!”, o marido mantém a interpretação aberta para diversas inferências, ferindo a máxima de modo, deixando a interpretação da resposta dependente do contexto partilhado entre o casal. Neste caso, pode-se supor algumas inferências como (iv) eu te amo, então tanto faz o corte de cabelo ou (v) eu não gostei desse corte de cabelo, mas não tenho coragem de dizer e não quero ferir seus sentimentos. A resposta colocada pelo marido também fere a máxima de quantidade, pois não há informações suficientes para que a esposa interprete de maneira direta o enunciado do marido.

Pertinente aos conceitos em questão, também é possível retomar a expressão “franguinha biscoitosa” para ilustração das máximas conversacionais. Esse tratamento afetivo quebra as máximas de modo, de qualidade e de quantidade. As inferências adequadas no processo interpretativo só podem ser realizadas pelo casal que partilha o contexto mental, e que entende o motivo pelo qual a junção de duas palavras – uma derivada e com interpretação ambígua (franguinha), e outra

inexistente no léxico dicionarizado, mas criada entre o casal por regras gramaticais (biscoitosa) – é considerado entre eles como algo elogioso, e não vulgar ou ofensivo.

A quebra da máxima não é considerada como uma “erro de comunicação”, mas como um recurso intencional que estabelece a necessidade da implicatura conversacional. Portanto, a inferência feita pela esposa vai depender do contexto partilhado entre eles, gerando então uma implicatura particularizada. No caso específico de uma comunicação entre um casal entram em jogo o histórico de convivência e o contexto mental partilhado. Além disso, a interpretação feita pela esposa da resposta do marido ainda pode variar de acordo com o a harmonia entre eles no momento do evento comunicativo, a maneira como ela está se sentindo naquele momento, e a maneira como ela compreende o marido, entre outras variáveis que podem modular a interpretação.

Em ambos os exemplos, o que se pode observar é que a máxima mais importante é a máxima da relevância, pois nos dois casos essa máxima é a que tem um papel fundamental na interpretação pretendida pelo falante. Observa-se nos dois casos que mesmo a implicatura particularizada é extrapolada, pois é necessário mais do que o conteúdo da implicatura para compreender o real significado pretendido pelo falante. Portanto, apresenta-se a necessidade de um aprofundamento na máxima de Relevância, preponderante em ambos os casos.

A Máxima da Relevância foi especialmente considerada por Sperber e Wilson (1995), que postularam a Teoria da Relevância considerando que esta máxima desempenha uma articulação entre os níveis de cooperação e como ela está intimamente ligada aos componentes do contexto mental e no compartilhamento de informações entre os interlocutores.

2.3 TEORIA DA RELEVÂNCIA

Para alguns teóricos, como Costa (2008), a relevância é uma função pragmática que determina fundamentalmente a relação entre os componentes do ato comunicativo, sendo que a máxima da Relevância é a principal dentre todas as máximas, pois ela articularia os diferentes níveis de cooperação propostos por Grice (1975). Portanto, a máxima de relevância deveria ser considerada como uma “supermáxima” integradora das demais.

A Teoria da Relevância (doravante TR), se estrutura como decorrente dos conceitos teóricos estabelecidos por Grice (1982), e é descrita por Sperber e Wilson (1995) como componente do grupo de teorias que propõem um princípio cognitivo no processamento inferencial da comunicação humana. Os autores partem do modelo de inferências de Grice, especialmente da máxima de Relação, e propõem uma teoria que busca explicar quais são as informações comunicadas, e como se dá o processo de comunicação. No modelo inferencial ocorre a proposição da *intenção* como uma propriedade psicocognitiva mínima, que determina a comunicação entre interlocutores, e é esta propriedade que distingue o modelo inferencial do modelo de código.

Partindo de tais conceitos e da pressuposição de que as pessoas só prestam atenção naquilo que lhes é relevante, Sperber e Wilson ampliam a investigação griceana e propõem uma teoria para abordar tais questões (STREY, 2011). Embora parta de princípios cognitivos simples, a TR é uma proposta teórica complexa, que articula conceitos estabelecidos pela Pragmática com estudos oriundos da Psicologia Cognitiva. Os autores propõem, com isto, um modelo comunicativo ostensivo, composto por duas propriedades que seriam indissociáveis: a ostensão, manifestada pelo falante, e a inferência, realizada no ato comunicativo pelo ouvinte (STREY, 2011).

Para que haja a comunicação é necessário que a *intenção* seja explícita e reconhecida por ambos os interlocutores. Considera-se que as intenções não são decorrentes de decodificação linguística, mas sim inferidas a partir de outros critérios, observação que estruturou a principal questão sob investigação em *Relevance: Communication e Cognition* (SPERBER; WILSON, 1995), onde os autores estabelecem que a comunicação humana verbal envolverá necessariamente pelo menos dois participantes: um falante e um ouvinte. No processo comunicacional estabelecido entre estes dois interlocutores o falante, ao dizer algo, altera o ambiente acústico disponível para o ouvinte, e esta modificação do ambiente direciona o ouvinte para que gere pensamentos convergentes com as representações do falante.

Na estrutura teórica da TR a comunicação humana ocorre com base em um princípio de *relevância ótima* – um componente da cognição humana que também foi abordado na obra de Grice, mas com menos aprofundamento. Sperber e Wilson consideram a relevância como uma propriedade mental, que avalia a entrada de dados (*input*) de forma qualitativa, julgando se tais dados devem ou não ser processados. A avaliação baseia-se em um julgamento prévio sobre os esforços

cognitivos e de processamento requeridos, posto que estes terão como consequência a modificação ou reorganização de suposições existentes no sistema.

Se ocorrer o processamento, então este deve gerar um efeito cognitivo que pode fortalecer, enfraquecer ou contradizer suposições preexistentes, a partir de evidências componentes do *input* recebido. Em um efeito mais significativo, o processamento também pode gerar uma recombinação de suposições existentes para calcular implicações contextuais, que enriquecerão a representação de mundo do interlocutor.

Sendo assim, a atenção humana e os recursos de processamento disponíveis no aparelho mental são ativados prioritariamente quando se considera que os dados disponíveis no processamento do *input* são relevantes, ou seja, que tais dados têm o potencial de gerar efeitos cognitivos positivos/úteis para o indivíduo. Na realidade da comunicação verbal verifica-se que a elocução mais relevante é aquela que causa maior efeito cognitivo com o menor esforço de processamento, que possui, portanto, maior relevância, o que define em termos básicos o “Princípio Cognitivo de Relevância” (SANTOS, 2009).

Considerando a realidade do Princípio Cognitivo da Relevância, a TR dirá que a interpretação inferencial ocorre em etapas definidas. Primeiramente o interlocutor ouvinte, partindo do menor esforço de processamento, define o significado linguisticamente codificado. Aqui deve-se considerar que o significado codificado linguisticamente é apenas o ponto de partida para a compreensão inferencial, sendo que é o enriquecimento praticado pelo ouvinte que indicará hipóteses sobre o significado pretendido pelo falante. Portanto, o significado inicial deverá em seguida ser enriquecido do nível explícito até o nível implícito, para que a interpretação complexa resultante se coordene com a expectativa de relevância, as intenções do falante e o efeito cognitivo esperado (SANTOS, 2009).

2.3.1 Explicaturas e Implicaturas

Outra importante observação sobre a TR reside no fato de que o processo inferencial ocorre no nível implícito e também no explícito, sendo que deve existir um nível intermediário entre aquilo que é dito e o significado implícito. Este nível seria a forma lógica da proposição, reconhecida como uma *explicatura*, na qual ocorrem

operações pragmáticas como interpretação de metáforas, desambiguação e atribuição de referências, necessárias na busca do significado pretendido pelo falante.

Segundo Sperber e Wilson (1995, p. 182), a explicatura é “uma combinação de traços linguisticamente codificados e propriedades conceituais inferidas contextualmente. Quanto menos a contribuição relativa das propriedades contextuais, mais explícita a explicatura e vice-versa”. Por mais que a noção de explicatura seja importante para a TR, existem inúmeras discussões acerca da existência ou não de tal constructo teórico, o que reacende o debate sobre a interface entre Semântica e Pragmática.

Independente do debate, propõe-se que a principal questão está na definição de como ocorre o enriquecimento da proposição semântica, ou seja, compreender o papel dos processos inferenciais na sua relação com os contextos pragmáticos na determinação do que está, de fato, sendo comunicado. Isso significaria assumir que a comunicação é baseada em condições de verdade. Entretanto, se para chegar ao resultado final é necessária a complementação pragmática, corre-se então o risco de nunca encontrar uma proposição completa, pois as referências podem não ser suficientes.

Tal necessidade poderia gerar um *loop* sem fim na busca da recuperação pragmática, impraticável na comunicação concreta, e que seria evitado através da definição da forma proposicional correta pela relação de relevância aplicável aos elementos do enunciado, derivada do contexto disponível aos interlocutores. Entretanto, aquilo que é necessário para constituir uma proposição mínima talvez não seja suficiente para estabelecer uma condição de verdade (STREY, 2011).

2.3.2 Princípios Cognitivo e Comunicativo

Mesmo havendo esse aspecto problemático para a TR, é necessário compreender os aspectos essenciais da teoria, que busca explicar como se dá a comunicação *ostensivo-inferencial*, conceito basilar que precede a comunicação efetiva. Sperber e Wilson propõem dois princípios para se entender como se dá a compreensão inferencial (STREY, 2011):

- (i) Princípio Cognitivo: “A comunicação humana tende a ser dirigida para a maximização da Relevância”;
- (ii) Princípio Comunicativo: “Todo estímulo ostensivo comunica presunção de sua relevância ótima”.

Os autores afirmam que um estímulo será otimamente relevante se, e somente se (SPERBER; WILSON, 1995, p. 270):

- a) For relevante o suficiente para merecer esforço de processamento da audiência;
- b) For o mais relevante compatível com as habilidades e preferências do comunicador

Novamente, ressalta-se que a noção mais importante é a de relevância, definida através de uma relação do tipo custo/benefício: a maior relevância (ou, preferencialmente, a relevância *ótima*) é consequência de uma avaliação cognitiva na qual são obtidos os maiores benefícios (efeitos cognitivos positivos) com o menor custo (esforço do aparelho mental para processar os *inputs*). Ou seja, a relevância será maior à medida em que houver mais efeitos cognitivos e menos esforços de processamento.

Sperber e Wilson dizem ainda que a relevância não é apenas uma propriedade de enunciados linguísticos e de outros estímulos ostensivos – como ações, gestos, fala e afins – que pretendam atrair a atenção do destinatário e transmitir algum conteúdo, “[...] mas uma propriedade que qualquer *input* de um processamento cognitivo possa possuir: visões, sons, enunciados, pensamentos, lembranças, suposições pode ser todos relevantes para um indivíduo em um determinado momento” (SPERBER; WILSON, 2006, p. 177). É importante também ressaltar que os *inputs* passam a se tornar relevantes durante o processo de comunicação, ou seja, algumas suposições passam a ser mais ou menos manifestas. O conjunto de premissas utilizadas para a interpretação constitui o contexto das premissas (SANTOS, 2009).

Para isso, é necessário compreender o sentido de contexto dentro da TR. Sperber e Wilson consideram o conceito de contexto como um constructo psicológico, estruturado por suposições diversas que o interlocutor faz sobre o mundo ao seu redor. O contexto inclui as informações referentes ao ambiente físico, mas também é composto por dados subjetivos, como representações mentais ou informações e suposições acumuladas em comunicações anteriores. Entretanto, embora as suposições componentes do contexto alterem significativamente a interpretação dos enunciados, elas não possuem efeito concreto sobre o estado real das coisas no mundo. Desse processo interpretativo farão parte todas as expectativas do futuro, as hipóteses científicas, crenças, suposições culturais e afins, juntamente com a percepção que o ouvinte tem sobre o estado mental do falante. A cada nova elocução é exigido um contexto diferente, embora esse contexto se alimente da mesma gramática e das mesmas capacidades inferenciais de que se alimentaram as elocuções anteriores (SANTOS, 2009).

2.3.3 Contexto e Ambientes Cognitivos

A cada nova experiência adquirida pelos falantes e ouvintes são acrescentados ao conjunto de conhecimento prévio novos contextos potenciais, sendo que o contexto utilizado na interpretação de uma elocução contém, normalmente, informações das elocuções anteriores. Quando há um acúmulo muito grande de suposições e representações no contexto ele pode gerar erros interpretativos e, para garantir que estes sejam minimizados, a solução seria uma convergência máxima entre os contextos representados por falante e ouvinte. Como diferentes pessoas possuem diferentes mentes – e, portanto, diferentes representações a respeito do mesmo objeto – não é possível garantir a similaridade total entre os interlocutores na representação contextual. Porém, o que pode ser avaliado e empregado na comunicação é o conhecimento mútuo.

A comunicação verbal é uma forma complexa de comunicação. Consideremos um código composto de um conjunto de convenções partilhados por todos os participantes no processo de comunicação. Esses participantes utilizam, por um lado, o conhecimento que tem dessas convenções, e por outro, o conhecimento que tem do sinal e do contexto para inferir a mensagem. Existe, sim, na comunicação uma codificação linguística, mas o significado linguístico fica aquém da codificação daquilo que o falante pretende comunicar. É apenas uma parcela de evidência existente sobre as

intenções do falante que ajuda o ouvinte a inferir o que ele quer dizer (SANTOS, 2009, p. 69).

A aceitação mútua de um conjunto de suposições é necessária porque, por definição, aquilo que é transmitido implicitamente é muito mais vago e impreciso do que qualquer conteúdo explícito. Além disso, em muitos casos a falta de clareza é intencional, o que aumenta as chances de distorção na interpretação, mesmo que o contexto esteja razoavelmente bem definido. Os seguintes diálogos expostos em Santos (2009) ilustram essa observação factual:

- (D) Você quer café?
- (E) Café me tira o sono.

No exemplo acima existe um conteúdo implícito e razoavelmente preciso, o que difere do próximo exemplo:

- (F) O que você pretende fazer hoje?
- (G) Estou com um terrível dor de cabeça.

No caso acima pode-se verificar que, além da implicação expressa explicitamente, não há nenhuma suposição precisa sobre a pretensão de (F) partilhar algo com (G).

Pode-se verificar nas duas proposições que em (D) o locutor foi solícito e deu a resposta em maior convergência com a pergunta do que foi realizado por (G), diálogo no qual o interlocutor não expressa claramente a sua intenção, e o ouvinte (F) precisaria recorrer à implicatura para compreender o significado da elocução pretendido por (G).

Os exemplos também introduzem o conceito de *intenção informativa*, elemento comunicativo que manifesta em diferentes graus a intenção de transmitir um conjunto de suposições entre os interlocutores. A intenção informativa é um estado psicológico residente em um aparelho mental, portanto, ela gera uma representação mental, e a intenção será comunicada de forma menos ou mais intensa em acordo com o desejo do falante de manifestar as suposições e representações em questão (SANTOS, 2009).

No caso de uma suposição forte, o interlocutor tem acesso a um leque de suposições mais precisas. Já em uma suposição fraca, o que o interlocutor pode

esperar é que o pensamento do ouvinte seja apenas direcionado de forma mais vaga para um conjunto de suposições imprecisas. Entretanto, no uso contextual da linguagem, muitas vezes, a comunicação fraca é considerada suficiente ou até mesmo preferível às formas mais fortes (SANTOS, 2009, p. 72).

Uma das vantagens da comunicação verbal reside na possibilidade de dar origem a essa forma mais forte de comunicação, uma vez que torna possível ao ouvinte dar mais precisão às intenções do falante sobre o conteúdo explícito da elocução, ao ponto de conseguir delimitar a uma única opção fortemente manifesta, sem a necessidade de considerar alternativas que tomariam mais tempo e recursos de processamento. Sendo assim, a intenção informativa do falante é satisfeita ou reconhecida pela formação de suposições possíveis que sejam semelhantes (ainda que não sejam idênticas) às do ouvinte.

Segundo Santos (2009), para a TR o contexto comporta uma seleção de interpretações apropriadas, excluindo aquelas não aplicáveis às inferências da implicatura imediata, fornecendo as pistas e definindo premissas para a interpretação. Entretanto, ainda que os seres humanos compartilhem uma vida inteira no mesmo ambiente físico, as informações que são derivadas desse ambiente e as construções realizadas sobre ele nunca serão as mesmas entre os indivíduos, pois a capacidade cognitiva individual é específica de cada ser humano, e elas definem e determinam as suas representações de mundo.

Portanto, as capacidades perceptuais variam de pessoa para pessoa, assim como as capacidades inferenciais. Como resultado, os seres humanos são capazes de dominar conceitos diferentes, de construir representações e teorias divergentes, aplicando as suas experiências e criando expectativas que podem ser muito distantes entre si. Ou seja, por mais que partilhem o mesmo ambiente físico, os ambientes cognitivos individuais são diferentes para cada indivíduo. Portanto, o interesse da TR reside nos fenômenos relativos às capacidades cognitivas perceptuais dos indivíduos, ou seja, nos fatos manifestos para a cognição conceitual. Ser manifesto é ser perceptível e ter a possibilidade de vir a ser inferido. Um ambiente cognitivo é, então, um conjunto de fatores que são manifestos aos indivíduos.

O ambiente cognitivo é constituído não só pelos fatores dos quais o indivíduo tem consciência, mas também por todos os fatores que têm o potencial para emergir na consciência em algum momento. A consciência real dos fatores, ou o conhecimento que foi adquirido, contribui com a capacidade de tornar conscientes outros fatores. A

delimitação de um ambiente cognitivo envolve as suposições mentalmente representáveis por um indivíduo, satisfeitas totalmente as condições de verdade ou pelo menos com alta probabilidade de serem verdadeiras para tais suposições. Neste ambiente cognitivo a suposição se manifesta quando é suportada por evidências suficientes, sendo que alguns fenômenos sobressaem por apresentarem suposições mais acessíveis em relação a outros fenômenos, competindo por atenção do aparelho cognitivo (SANTOS, 2009).

Ao se considerar o conceito de ambiente cognitivo observa-se que dois interlocutores nunca partilharão o mesmo ambiente, posto que sempre existirão diferenças de suposições entre os indivíduos e que não há conhecimento mútuo total das suposições entre um e outro. Ou seja, não existe conhecimento mútuo porque este exigiria simetria e um grau de similaridade entre os indivíduos no qual os interlocutores precisariam ser clones perfeitos. Porém, embora o *conhecimento* não possa ser mútuo, a *manifestação comum de um fato no ambiente* pode delimitar um ambiente mútuo, já que a interpretação e a representação do fato são assimétricas, assim como a comunicação. Os limites acima definidos para o que é mútuo ou não colocam a situação concreta na qual existem condições para supor com razoável nível de acerto o que é mutuamente manifesto entre interlocutores, mas nada ou quase nada pode-se supor a respeito do que é verdadeiramente conhecido ou suposto pelos interlocutores (SANTOS, 2009).

Neste sistema comunicativo, no qual existem vários elementos que podem ser conhecidos ou não, a TR propõe a existência uma heurística para a comunicação, cuja efetividade para eliminar os elementos não aplicáveis na interpretação sugere que o que normalmente é considerado como “falha de comunicação” na verdade não é uma falha, mas um êxito. Segundo Santos (2009) “é responsabilidade do falante fazer as suposições corretas sobre os códigos e as informações contextuais a que o ouvinte terá acesso e que provavelmente utilizará no processo de compreensão”. O ouvinte, por sua vez, não precisa fazer várias suposições para inferir o significado da elocução, ele precisa simplesmente ter uma confiança razoável na sua capacidade de identificar o fato que seja mais manifesto como o significado pretendido pelo falante, que a suposição seja manifesta dentro do seu ambiente cognitivo na medida certa.

Em suma, a comunicação pode ser explicada: o falante faz suposições sobre as suposições que são ou serão manifestas ao ouvinte. O ouvinte tem a confiança necessária para supor que as suposições que faça

espontaneamente o ajudem a entender as elocuições do falante e que sejam aquelas mesmas suposições que o falante esperava que ele fizesse (SANTOS, 2009).

Para comunicar com êxito, contudo, o falante tem que ter algum conhecimento sobre o ambiente cognitivo do ouvinte. A comunicação é bem sucedida quando há um aumento do ambiente cognitivo mútuo dos interlocutores.

Na comunicação, o ambiente cognitivo é um dos recursos mais importantes, pois é nele que reside o conjunto de suposições disponíveis para o interlocutor processar informações e outros *inputs*. A relevância atribuída ao *input* definirá a quantidade de esforço de processamento dedicado, buscando uma resposta satisfatória para um problema interpretativo ou questão comunicativa com o mínimo de custo possível. Considerando que a resolução de tais problemas é constante e que desempenha a função evolutiva de melhorar continuamente o conhecimento de mundo do indivíduo, esta é uma tarefa que se estende por toda a vida do ser humano (SANTOS, 2009).

Existem pelo menos duas razões para se pensar no modo como as informações são processadas, já que a cada momento da cognição, muitas tarefas cognitivas podem ser desempenhadas. A primeira razão diz respeito ao fato de que as capacidades sensoriais podem coordenar mais informações do que as capacidades conceituais centrais podem processar. A segunda razão, alinha-se ao fato das capacidades centrais terem sempre uma grande quantidade de tarefas para terminar. Para os mecanismos complexos, como dos seres humanos, existe uma formulação e a tentativa de dar respostas às questões novas, mesmo que elas exijam custos extras de processamento. Sendo assim, a forma de tratamento dos *inputs* pelo sistema de processamento cognitivo é algo importante a ser compreendido (SANTOS, 2009).

2.3.4 Inputs

A questão do processamento eficaz das informações de curto prazo reside na alocação ótima dos recursos de processamento central. A otimização significa o processamento das informações com maior probabilidade de contribuir para as metas cognitivas gerais da mente com um mínimo custo de processamento. Assim, a determinação de relevância de uma informação pode ser definida por três parâmetros

principais. Em primeiro lugar, o *input* é considerado relevante quando serão empregadas informações anteriores presentes no sistema para seu processamento; também é relevante quando a informação ou suposição resultante substitui versões antigas; e, por fim, quando existe relação entre a informação nova e aquelas já consolidadas. Na relação entre as informações novas e as consolidadas, o processamento conjunto resulta nas inferências, permitindo a derivação de mais informações novas, de forma multiplicativa, fator que determina o nível de relevância em uma proporção direta (SANTOS, 2009).

De acordo com Santos (2009), esse processamento de *inputs* se dá através de um cálculo não trivial, que combina as informações armazenadas na memória para derivar conclusões válidas. O mecanismo interpretativo-dedutivo proposto por Sperber e Wilson, toma o *input* como um conjunto de suposições e dele deduz todas as conclusões possíveis. Essas conclusões podem não ser passíveis de prova, mas são confirmadas pela força das premissas, originadas de várias fontes, como percepção (visão, audição, tato, olfato, paladar) e a decodificação linguística, juntamente com as suposições armazenadas na memória.

Sperber e Wilson (1995, p. 86), em relação aos *inputs*, postulam que eles são estruturados a partir de três fontes de informação:

- (i) Entrada lógica: conjunto de regras de dedução aplicadas à forma lógica dos *inputs*;
- (ii) Entrada enciclopédica: conjunto de informações sobre acontecimentos e/ou propriedades que representam o conceito;
- (iii) Entrada lexical: conjunto de informação sobre o conceito em linguagem natural (informações sintáticas, semânticas, morfológicas e fonológicas).

A estruturação dos *inputs* exige que, no momento em que se interpreta uma informação, exista um certo nível de atenção, memória e raciocínio, funções cerebrais superiores que são empregadas para articular a complexidade linguística na comunicação, a acessibilidade das informações e identificação do contexto.

É necessário ressaltar, contudo, que da noção custo-benefício seguem-se questões problemáticas. Em primeiro lugar, é preciso determinar o que se denomina como custo e o que se denomina como benefício. Para Costa (2008), o custo pode

envolver: 1) processamento mental e esforço cognitivo; 2) processamento de linguagem em diferentes níveis componentes, envolvendo os níveis sintático, semântico, fonológico e pragmático; 3) grau de acessibilidade dos contextos; 4) grau de acessibilidade das memórias enciclopédica e lexical; e 5) grau de calculabilidade das inferências. No caso dos benefícios, estes podem incluir: 1) o grau de importância atribuído ao conteúdo do falante; 2) os graus de adequação, conexão e interatividade do conteúdo; 3) possibilidade de compreensão de implicaturas e implicação contextual; e 4) previsão de benefícios culturais, morais, psicológicos e retóricos decorrentes da informação nova resultante.

A questão com essa grande quantidade de aspectos envolvidos é que a noção de relevância poderia ser determinada ora por aspectos de custo, ora por aspectos de benefícios. Para a TR, a racionalidade humana seria o principal operador no comportamento comunicativo, selecionando automaticamente os estímulos de maior relevância para processamento e produção de efeitos cognitivos. Sendo assim, o ser humano é orientado pela busca de efeitos contextuais significativos com o mínimo de esforço de processamento. Segundo Santos (2009), essa relação entre efeito/esforço, é a chave do conceito da TR, que diz que quanto maior o benefício e menor o esforço, maior é a relevância de um enunciado.

Dentro dessa concepção de racionalidade, o processamento cognitivo se dá através de raciocínios complexos, cujo substrato é uma lógica inferencial não trivial, combinando informações novas e informações consolidadas. Por esse quadro, o processamento interpretativo humano, sendo ostensivo-inferencial, cessa quando o efeito de interpretação informativa atinge a relevância ótima. Contudo, ao se basear somente na razão como elemento gerador do processo dedutivo-inferencial, a TR se caracteriza como cartesiana, ao sugerir um corpo sem mente no qual a razão é desligada da emoção, isto é, os falantes e ouvintes não experimentam nem expressam emoção ao se comunicar verbalmente (STREY, 2011).

Contudo, existe ainda um outro aspecto que a teoria deveria explicar, que são os usos cotidianos, como na conversa romântica, no bate-papo informal e nos cumprimentos e saudações. Costa (2005b) aponta a noção positiva de relevância, com o benefício percebido determinando o custo; esta situação é observada, por exemplo, quando o indivíduo encontra-se desempenhando tarefas profissionais ou técnicas, nas quais existe estímulo intenso de objetividade funcional na geração de novos conhecimentos. Tais atividades possuem uma tendência de racionalidade

custo/benefício diferente daquelas relacionadas ao lazer, quando as propriedades são diferentes, pois nestas situações o processo é estimulado principalmente pelo benefício emocional ou geração de prazer, e o custo baixo é determinante para a realização da atividade.

Sendo assim, para o autor, existem dois fatores que parecem desafiar o princípio da relevância: a tendência à inércia e o peso do benefício emocional. A tendência à inércia pode ser entendida como a busca pelo menor custo, e não pelo maior benefício. Já para a questão emocional, no processo inferencial, parece ser mais delicado, já que se refere ao fato de que, muitas vezes, benefícios emocionais são mais relevantes do que os benefícios informativos.

De forma geral, os benefícios emocionais parecem interferir na comunicação, levando os participantes de um diálogo a sentirem emoções diferentes a partir do que está sendo dito. Então, faz-se necessário explicar como um enunciado gera efeitos emocionais, aumentando a relevância atribuída mesmo contendo uma informatividade baixa (STREY, 2011).

2.3.5 Emoções (ou a falta delas na TR)

Segundo Damásio (2018), quando se verifica a função ampliada das emoções, é possível observar o seu potencial positivo e reduzir o negativo, sendo natural que se queira proteger a razão da fragilização que as emoções (ou sua manipulação) podem provocar no processo de planejamento e tomada de decisão. Tal fato indica que os processos de comunicação e interpretação estão intimamente ligados às emoções, podendo até mesmo ser considerados como interdependentes.

É possível observar a influência da emoção na linguagem no uso de expressões como apelidos, nas conversas de bate papo e afins, obtendo alta relevância mesmo que não haja conteúdo informacional significativo. Também se observa essa ocorrência nos eventos comunicativos onde são proferidos xingamentos ou ofensas, e o ouvinte demonstra abalo emocional ou afetos negativos decorrentes do que ouviu.

No caso do gênero feminino, existem determinadas expressões específicas que são utilizadas para agressão verbal, como é o caso da expressão “franguinha”. Em algumas situações e locais, a forma de tratamento “franguinha” é utilizada para designar uma moça/mulher que seja promíscua, ou para se referir de forma

pejorativa/sexualizada a uma mulher jovem. São situações como essa que denotam a importância do estudo das emoções na linguagem, pois esses enunciados podem produzir sentimentos dentro de um amplo espectro emocional, a depender do contexto geral e cognitivo da pessoa que o interpreta. Segundo Santos e Godoy (2021) a provocação dos estados emocionais ocorre porque os enunciados, além de carregarem um sentido informacional, carregam também o sentido emocional que está sendo transmitido pelo falante e, portanto, pode existir a perspectiva de uma interpretação baseada em “relevância emocional” nos mesmos enunciados.

No exemplo da situação comunicativa “Eu te amo!” pode-se supor que, quando a esposa pergunta sobre o cabelo, existe a expectativa de uma resposta positiva da parte do marido, para que ela experimente a satisfação emocional decorrente da crença de que ela está bonita, pois a opinião do marido é importante para ela. Quando ele responde “Eu te amo!”, mesmo que essa resposta não seja uma confirmação da expectativa original da esposa, ainda assim ela alcança um nível de relevância emocional, seja ela positiva ou negativa, por parte da esposa.

Essa resposta pode ser interpretada com relevância positiva, se a esposa estiver em um momento de autoestima equilibrada, convicta da intenção positiva na comunicação do seu companheiro, e segura da atribuição de que o marido a ama independente da sua escolha para estilo de seu próprio cabelo. Mas essa mesma resposta pode ter uma interpretação negativa, pois dependendo de como ela estiver se sentindo nesse determinado dia, a resposta pode expressar para a esposa uma reprovação por parte do marido, que optou por não fazer um elogio mais claro e objetivo envolvendo sua aparência. Nesse caso, a interpretação do enunciado “eu te amo!” – mesmo que seja construído com intenção positiva por parte do marido, e até mesmo interpretado positivamente por outras pessoas que estivessem próximas – seria inferida como negativa pela esposa. Poderia ser considerado como uma forma de esquiva de resposta sincera por parte do marido, ou como a falta de coragem dele para dizer que não gostou, gerando, então, uma relevância negativa.

Já no caso do apelido “franguinha biscoitosa”, a relevância emocional atingida será interpretada sempre de forma positiva pela esposa, pois essa expressão carinhosa entre o casal tem sempre a conotação de afeto, e mesmo que não haja mais nenhuma informação sendo transmitida, ela permanece relevante devido ao efeito emocional desencadeado no processo interpretativo desse enunciado. Contudo, uma

pessoa que não conheça esse casal e seu contexto de relação pode interpretar como uma ofensa, como uma maneira desrespeitosa do marido se referir à sua esposa.

Para compreender o impacto das emoções nos processos interpretativos o próximo capítulo explicará o papel dos estados afetivos no ser humano, e como eles participam do raciocínio e da tomada de decisão.

3 AS EMOÇÕES

Este capítulo explora a relação entre as emoções e o processamento cerebral, principalmente abordando a regulação da tomada de decisão, tanto para comportamentos humanos como para processos interpretativos na comunicação. Os conceitos expostos se estruturam sobre a obra de Damásio (2018; 2020a; 2020b) que, embora tenha proposto algumas das suas ideias principais há quase três décadas, foi autor responsável por uma revolução neurocientífica que se estende aos estudos acadêmicos atuais.

A obra de Damásio teve repercussões em várias áreas de estudo como a Neurologia, a Psiquiatria e a Psicologia cognitiva, a Filosofia da mente e da linguagem, a Linguística, as Ciências da Computação e a Antropologia. Com sua obra “O Erro de Descartes” – originalmente publicada em 1994 – Damásio trouxe uma crítica ao dualismo cartesiano, iniciando uma discussão contemporânea baseada em uma retomada da unidade entre mente e cérebro, e razão e emoção (OLIVEIRA, 2013). Portanto, este estudo recorre ao autor como fundamentação sólida deste capítulo, considerando que suas ideias resistiram à crítica e escrutínio acadêmico por todo o período decorrido.

3.1 COMO AS EMOÇÕES ACONTECEM

A partir da perspectiva de que a emoção influencia na linguagem verbal, e considerando que existe uma relação intrínseca entre razão e emoção, este tópico explora as ideias propostas por Damásio, apontando a importância de congregar a influência das emoções nas escolhas racionais, alinhando estes conceitos aos pressupostos cognitivos-rationais propostos pela Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (2001), e também de Santos e Godoy (2021), que advogam em favor de uma Pragmática que envolva a influência das emoções na interpretação de enunciados.

Por mais que pertençam a domínios diferentes, o efeito informativo racional e o efeito psicológico emocional são interfaceados por estruturas mentais comuns. Segundo Damásio (2020a, p. 204), “[...] se sua mente dispuser apenas de cálculo racional puro, vai acabar por escolher mal e depois lamentar o erro, ou simplesmente desistir de escolher, em desespero de causa”. O autor aponta que as emoções se

coordenam com a racionalidade no processo de decisão, o que certamente apresenta consequências também no campo comunicativo e nos processos de interpretação. Portanto, pode-se entender que não somente a relevância informativa está vinculada à ostensão ou à interpretação, como defende a TR, mas que existe relevância emotiva nos processos de interpretação humana.

Para Damásio (2018), as emoções estão intrinsecamente ligadas aos componentes que regulam o funcionamento do organismo e, por isso, também estão intimamente ligadas aos processos cognitivos e de raciocínio lógico. Isso não significa dizer que as emoções são mais importantes do que a razão, mas sim que a função alargada das emoções no organismo torna possível realçar os efeitos positivos e reduzir o potencial negativo. Segundo Damásio (2020a), a regulação do corpo, a sobrevivência e a mente estão intimamente ligadas, portanto, pode-se supor que a linguagem – como processo cognitivo proposto por Sperber e Wilson (2001) – será também invariavelmente afetada pelos sentimentos.

O hipotálamo, o tronco cerebral, e o sistema límbico intervêm na regulação do corpo e em todos os processos neurais em que se baseiam os fenômenos mentais, como por exemplo, a percepção, a aprendizagem, a memória, a emoção, o sentimento e, ainda – como proporei mais adiante -, o raciocínio e a criatividade (DAMÁSIO, 1994, p. 123).

No senso comum, as emoções tendem a se confundir com os sentimentos. Damásio (1994) explica que o sentimento é a experiência mental subjetiva da excitação emocional perturbadora, sendo então ele a representação, a vivência, a memória, a consciência da emoção. Segundo Santos e Godoy (2020), a classificação das emoções pode ser proposta como o Quadro 1 demonstra.

QUADRO 1 - EMOÇÕES

Pré- Emoções	Emoções Básicas	Emoções Cognitivas	
		Sentimentos Primários	Sentimentos Secundários
Bem- estar (conforto)	Alegria	Contentamento	Amor
		Satisfação	Felicidade

Mal-estar (desconforto)	Tristeza	Decepção	Vergonha
		Insatisfação	Frustração
	Raiva	Irritação	Aborrecimento
		Fúria	Ódio
	Medo	Ameaça	Intimidação
		Ansiedade	Ciúme/inveja
	Nojo	Repugnância	Náusea
		Asco	

Fonte: SANTOS; GODOY (2020, p, 49).

Dado o número de possíveis emoções cognitivas, sentimentos primários e secundários, é possível depreender que a interpretação de um enunciado pode variar significativamente em dependência do contexto mental do falante e do ouvinte. A emoção predominante também terá um papel crucial na escolha do que será enunciado por parte do falante, para que ocorra a relevância ótima pretendida. Compreende-se, dessa forma, que as emoções e os sentimentos são reguladores do organismo, mas que também têm um papel crucial na expressão linguística.

Damásio (2020a) propõe que as emoções têm um papel relevante na tomada de decisões e no raciocínio lógico. O autor ilustra a afirmação com o caso de um paciente, um homem que teve um tumor no lobo frontal, afetando o lado direito e uma porção do lado esquerdo. O paciente parecia perfeitamente normal, era sociável e agradável, e a cirurgia para a retirada do seu tumor correu bem. Os testes laboratoriais mostraram que o paciente manteve um alto nível de funcionamento de suas funções intelectuais, inclusive com alguns resultados acima da média.

Entretanto, apesar dos resultados das testagens, quando se tratava do desempenho na vida cotidiana o paciente não conseguia tomar decisões acertadas em relação à sua vida, perdeu empregos e experimentou instabilidade financeira. Perguntado sobre seu estado o paciente relatou uma “perda de sentimentos”, indicando que coisas e situações que antes eram importantes, ou teriam suscitado uma resposta emocional, agora já não sentia mais como relevantes.

Damásio resolveu, então, fazer outros testes e propor alguns conceitos demonstrando o quanto as emoções e os sentimentos estão entrelaçados no raciocínio. As investigações levaram à identificação de um conjunto de sistemas cerebrais específicos lesados de forma consistente nesses pacientes, como também

à identificação de um conjunto de processos neuropsicológicos que dependem da integridade desse sistema (DAMÁSIO, 2020a).

Nos processos decisórios complexos – principalmente naqueles de cunho pessoal e com alto grau de incerteza quanto aos resultados – as estratégias racionais são aplicadas ao conhecimento geral, relacionadas à situação sob enfoque. Enquanto o conhecimento geral inclui fatos sobre pessoas, objetos e situações do mundo externo, as decisões pessoais e sociais encontram-se ligadas à sobrevivência, e esse conhecimento inclui também fatos e mecanismos relacionados com a regulação do organismo como um todo. Nestes casos observa-se que as estratégias racionais são aplicadas sobre objetivos, comportamentos, atitudes e ações cujas consequências são previstas para diferentes escalas temporais e com muitos resultados possíveis. As emoções e sentimentos também fazem parte da maquinaria biológica, cuja principal função é manter os controles homeostáticos do corpo, impulsos e instintos (DAMÁSIO, 2020a).

Devido à forma como o cérebro evoluiu, o conhecimento geral depende do funcionamento orquestrado de diferentes regiões, que podem estar bastante separadas na anatomia cerebral, e não somente de uma área localizada. Grande parte dos conhecimentos estão armazenados sob a forma de imagens em vários locais do cérebro. Segundo Damásio (2020a), embora algumas teorias anteriores tenham proposto que o cérebro funciona em módulos, a pesquisa empírica mostra que esse não é o caso, sendo mais provável que a ligação entre as diferentes partes da mente provenha da relativa sincronia de atividades em locais distintos.

O caráter de incerteza das decisões particulares e de cunho pessoal impacta diretamente na apreensão do mundo ao redor e nas chances de sobrevivência no meio, portanto, as decisões são tomadas a partir de um vasto conjunto de conhecimentos acumulados sobre este mesmo mundo, incluindo ainda o mundo interno (o próprio organismo que toma as decisões). Considerando a ligação intrínseca entre mundo interno e externo, a hipótese mais provável é que a seleção atuou para moldar um aparelho mental no qual os sistemas de decisão e processos racionais se ligam de forma íntima aos processo de regulação biológica, posto que ambos são essenciais para a sobrevivência (DAMÁSIO, 2020a).

Desta forma, o aparelho cerebral traz mecanismos inatos que regulam funções biológicas básicas e também comporta operações para categorizar

fenômenos ou fatos do meio como “bons”, “maus”, “úteis” ou “indiferentes”, de acordo com seus possíveis impactos nas chances de sobrevivência do indivíduo.

Em outras palavras, o organismo possui um conjunto básico de preferências – ou critérios, ou tendências, ou valores. Sob a influência dessas preferências e do trabalho da experiência, o repertório de coisas classificadas como boas ou más cresce rapidamente e a capacidade de detectar novas coisas boas e más aumenta exponencialmente (DAMÁSIO, 1994, p. 118).

O tronco cerebral e o hipotálamo parecem constituir os principais centros para os processos inatos descritos. O segundo, destacadamente, tem ação crítica sobre o sistema endócrino (glândulas pituitária, tireoide, suprarrenais e órgãos reprodutores), regulando a produção e a distribuição hormonal, o sistema imunológico e vários ciclos de mudanças corporais e comportamentais ligados à reprodução e fertilidade. Neste sentido, é importante notar que o funcionamento regular dos hormônios não está diretamente ligado ao sistema de impulsos neurais ou ao processamento cerebral racional, pois ele depende de outras etapas intermediárias que envolvem a circulação de certas substâncias químicas na corrente sanguínea (DAMÁSIO, 2020a).

Em síntese, os sinais neurais dão origem a sinais químicos, que dão origem a outros sinais químicos que podem alterar o funcionamento de diversas células e tecidos, incluindo o próprio cérebro, e podem modificar também os circuitos reguladores que deram início ao próprio ciclo. Todos esses mecanismos reguladores, sob influência mútua, tratam de gerir as condições do corpo em nível local e global, de modo que todos os constituintes do organismo – desde as moléculas aos órgãos – funcionem dentro dos parâmetros necessários para a sobrevivência (DAMÁSIO, 2020a).

Um exemplo desse fato pode ser observado na regulação realizada pela substância química ocitocina, produzida no cérebro e também em outros órgãos. Quando liberada pelo cérebro, ela participa da regulação do metabolismo, mas quando é liberada em outros órgãos (por exemplo, durante o parto, durante o estímulo sexual ou provocado pelo orgasmo) ela atua não só no corpo, mas também no cérebro. Além disso, a ocitocina é um influenciador de comportamentos de higiene, locomotores, sexuais e maternos, facilitando interações sociais e induzindo a ligação entre parceiros amorosos.

O hipotálamo, o tronco cerebral e o sistema límbico intervêm na regulação do corpo e em todos os processos neurais em que se baseiam os fenômenos mentais, como, por exemplo a percepção, a aprendizagem, a memória, a emoção, o sentimento (...) o raciocínio e a criatividade (DAMÁSIO, 1994, p. 123).

Segundo Damásio, o quadro estabelecido para os seres humanos é o de um organismo que surge para a vida dotado de mecanismos automáticos de sobrevivência, aos quais a educação e a cultura acrescentam um conjunto de estratégias de tomadas de decisão socialmente aceitáveis que, por sua vez, melhoraram de forma significativa a qualidade de sobrevivência e são basilares na construção cognitiva e social do indivíduo.

3.2 COMO A EMOÇÃO SE RELACIONA COM O CORPO

Segundo Damásio (2020a), existe no cérebro uma parte mais antiga, que seria considerada como o “porão” do cérebro, onde se encontra a parte subcortical, encarregada da regulação básica do organismo responsável pelas emoções e funções básicas semelhantes em todos os seres vivos. Ela seria complementada pela parte “superior” ou o neocórtex, fruto dos últimos estágios evolutivos, responsável por funções superiores como deliberação, análise e interpretação de sutilezas, comportando ainda as área responsáveis pela razão e força de vontade.

A aparelhagem da racionalidade, tradicionalmente considerada neocortical, não parece funcionar sem a aparelhagem da regulação biológica, considerada *subcortical*. Parece que a natureza criou o instrumento da racionalidade não apenas por cima do instrumento de regulação biológica, mas *a partir dele e com ele*. Os comportamentos que se encontram para além dos impulsos e dos instintos utilizam, em meu entender, tanto o andar superior como o inferior: o neocórtex é recrutado *juntamente* com o mais antigo cerne cerebral, e a racionalidade resulta de suas atividades combinadas (DAMÁSIO, 1994, p. 127).

A fim de responder à questão de até que ponto os processos racionais e não racionais estão alinhados com as estruturas corticais e subcorticais, o autor busca apresentar como as emoções e sentimentos, que constituem aspectos centrais na regulação biológica, fazem uma ponte entre os processos racionais e não racionais, entre as estruturas corticais e subcortais.

As emoções primárias seriam inatas e pré-organizadas, exemplificadas por Damásio com o medo de cobras ou aranhas para os seres humanos, ou de animais

maiores por outros animais, como o pintinho em relação a uma águia; estas emoções dependem da rede de circuitos do sistema límbico, sendo a amígdala e o giro do cíngulo as principais partes, com observações de tais estruturas tanto em animais quanto em seres humanos. A representação do medo é feita no cérebro primeiramente pela amígdala, que capta características individuais ou em conjunto, detectando informações que serão processadas pelo núcleo neuronal que contém uma representação dispositiva do medo, e que altera o processamento cognitivo de modo a corresponder a esse estado (DAMÁSIO, 2020a).

Contudo, é possível observar que para ser disparada essa resposta no corpo, não é necessário “reconhecer” uma aranha, uma cobra, ou no caso do pintinho, uma águia, ou saber o que provoca a dor. Basta apenas que os córtices iniciais detectem e classifiquem determinadas características chave de uma determinada entidade (seja um objeto ou um animal) para que as estruturas como a amígdala recebam sinais relativos à sua presença. Um pintinho no ninho não faz ideia do que é uma águia, mas as respostas de medo serão ativadas assim que um animal de asas largas sobrevoar o ninho, ativando a resposta de esconder a cabeça (DAMÁSIO, 2020a).

No caso dos seres humanos, o processo não termina com as alterações corporais desencadeadas pela emoção. O passo seguinte é a sensação da emoção em relação ao objeto que desencadeou a percepção inicial.

Em síntese, sentir os estados emocionais, o que equivale a afirmar que se tem consciência das emoções, oferece-nos flexibilidade de resposta com base na história específica de nossas interações com o meio ambiente. Embora sejam precisos mecanismos inatos para pôr a bola do conhecimento em jogo, os sentimentos oferecem-nos algo extra (DAMÁSIO, 1994, p. 131).

Com a consciência das emoções é possível aprender a como reagir diante de determinadas situações. A primeira resposta é inata, não existe controle sobre ela, podendo ser causada por muitos objetos, seres e circunstâncias. Porém, quando se adquire experiência, ela torna-se específica. O conhecimento das circunstâncias e afins permite pensar com antecipação e prever a probabilidade da presença dessas circunstâncias em um determinado momento, de modo que seja possível evitar antecipadamente ao invés de apresentar reações emergenciais.

Contudo, esse mecanismo das emoções primárias não descreve a gama de todos os comportamentos emocionais, elas constituem apenas o processo básico. Com o processo de desenvolvimento de uma pessoa, seguem-se os mecanismos de

emoções secundárias, que emergem logo que ocorrem ligações sistemáticas entre as categorias de objetos e situações, e as emoções primárias. O sistema límbico não é suficiente para a sustentação do processo de emoções secundárias, a rede precisa ser ampliada, e requer a intervenção dos córtices pré-frontal e somatossensorial. Segundo Damásio (2020a), não ocorreu uma seleção granular de emoções primárias e secundárias, já que o caminho mais simples – que parece ter sido adotado no processo evolutivo – seria apenas definir processos e modos de expressão das emoções primárias, trajetórias pelos quais podem se expressar da mesma forma as emoções secundárias.

A essência da emoção, para o autor, está em um evento catalisador ou iniciador, o qual gera pensamentos associados ao evento que levam o sistema cerebral a ativar um conjunto de terminações nervosas, presentes em todos os órgãos, e que determinam uma infinidade de estados corporais diferentes, em dependência da sequência e graus de ativação.

Em conclusão, a emoção é uma combinação de um *processo avaliatório mental*, simples ou complexo, com *respostas dispositivas a esse processo*, em sua maioria, *dirigidas ao corpo propriamente dito*, resultando num estado emocional do corpo, mas também *dirigidas ao próprio cérebro* (núcleos de neurotransmissores no tronco cerebral), resultando em alterações mentais adicionais (DAMÁSIO, 1994, p. 135).

O termo sentimento é deixado pelo autor para designar a experiência advinda dessas mudanças.

Uma das razões para se separar o termo “emoção” de “sentimento”, é o fato de que alguns sentimentos estão relacionados com a emoção (pois todas as emoções originam sentimentos se a pessoa estiver desperta e atenta), mas nem todos os sentimentos provêm de emoção. Esses sentimentos que não têm ligação com a emoção são chamados pelo autor de sentimentos de fundo (*background*).

Os sentimentos de fundo são, segundo Damásio (1994), uma representação do corpo quando esse não se encontra agitado pela emoção. O conceito de “humor” está relacionado com o conceito de sentimento de fundo, mas não o capta plenamente. Esses sentimentos de fundo, quando não são alterados por nenhum fluxo ou refluxo de conteúdo de pensamentos, contribuirá provavelmente para o estado de humor bom, mau ou indiferente. A sensação corporal de fundo é contínua, mesmo que não seja conscientemente percebida, pois não representa uma parte específica do

corpo, mas um estado geral de quase tudo que se encontra nele. Conforme explica Damásio:

O estado de fundo é continuamente apreciado e, por isso, gostaríamos muito de saber o que se sucederia se, de repente, ele desaparecesse; se nos perguntassem como nos sentimos e descobríssemos que nada sabemos sobre nosso estado de fundo; de, ao doer-nos uma perna, o desconforto assim sentido fosse uma percepção isolada, solta na mente, em vez de ser uma sensação integrada na imagem de um corpo, cuja totalidade temos fácil acesso (DAMÁSIO, 1994/2020, p. 147).

Nessa passagem, o autor aponta para a importância de compreender o estado geral do corpo, e como o sentimento de fundo é necessário para que conhecer o que está acontecendo no organismo. O autor também exemplifica com casos de pacientes que perderam essa noção de sentimento de fundo, que quando confrontados com um braço ou perna amputados não reconhecem que estão sofrendo de efeitos devastadores de uma doença grave, não percebem a consequência de sua situação clínica e não se preocupam com o futuro. Esses pacientes têm manifestações emocionais limitadas ou inexistentes, e seus sentimentos, como relatados pelos próprios pacientes, são igualmente nulos.

Ainda segundo Damásio (2020a), a continuidade do sentimento de fundo se encaixa no fato de o organismo vivo e sua estrutura serem contínuos enquanto for mantida a vida. Embora tudo ao redor do organismo possa mudar, o corpo mantém uma percepção de uniformidade autocontida, mesmo considerando suas próprias mudanças ao longo do tempo. A identidade individual decorre dessa sensação de permanência, essencial na constituição do indivíduo.

Assim, considera-se que os sentimentos possuem um caráter fortemente cognitivo, no sentido de serem comparáveis a outras imagens perceptuais, dependendo do córtex cerebral para processamento e posterior integração. Damásio diz que são os sentimento que nos permitem *cuidar do corpo (mind the body)*, sendo que a expressão na língua inglesa opera com o duplo sentido de *mind* (mente e mentalizar), cuidar, prestar atenção. Em outras palavras, “ter atenção com o corpo”, cuidar, dar importância, e “mentalizar o corpo”, animá-lo com a mente. São os sentimentos que dirigem a atenção para o que está acontecendo com o corpo durante um evento que envolve afetos ou emoções, permitindo que as ações e comportamentos possam ser voltados para o autocuidado, preservação, reparação e

até mesmo para representações do corpo, evocando eventos passados ou buscando prevenir danos futuros (DAMÁSIO, 2020a).

Devido à vinculação observada entre os sentimentos e estados do corpo, aqueles surgem em primeiro lugar no desenvolvimento individual e conservam uma primazia que atravessa sutilmente toda a vida mental. Os sentimentos experimentados no início do desenvolvimento cognitivo constituem um quadro de referência para o que vem a seguir, interferindo com o modo de funcionamento do resto do cérebro e da cognição, sendo a sua influência imensa.

Segundo Damásio (2020a), é papel do cérebro representar cadeias causais entre objetos, fenômenos, eventos e outros seres, estabelecendo ainda um vínculo entre tais cadeias causais e o próprio corpo, através de sentimentos que atribuem maior ou menor importância ao ocorrido. Porém, muitas vezes estes vínculos e cadeias podem ser representados de forma equivocada. Um exemplo dessa ligação equivocada são as superstições, que são associações equivocadas de objetos ou lugares com uma causa: um gato preto que atravessa o caminho de alguém, um chinelo virado, ou passar por baixo de uma escada são eventos que poderiam trazer infortúnio.

Sendo, então, que as emoções participam do processo cognitivo e da manutenção geral do corpo, como então elas se relacionam com os processos de raciocínio e interpretação de enunciados? Supõe-se que a racionalidade e seus processos vinculados têm o objetivo principal de dirigir da melhor forma as decisões a serem tomadas, incluindo a adoção de certos comportamentos – verbais e não verbais – diante de uma determinada situação problema. Portanto é razoável supor que, nos processos comunicativos, o comportamento de busca de inferências válidas é perpassado por estratégias racionais, que envolvem algum tipo de lógica processual (DAMÁSIO, 2020a). Com isso em vista, é possível inferir que se os sentimentos e emoções são os reguladores básicos do organismo, eles então também participarão do processo de interpretação e comunicação humana.

No próximo capítulo, será abordado como esse processo cognitivo de interpretação ocorre na mente humana, e como é possível fazer uma ponte entre os estudos pragmáticos cognitivos com a neurociência e Psicologia cognitiva, para procurar entender como o complexo fenômeno da interpretação humana ocorre.

4 INTERPRETAÇÃO HUMANA E EMOÇÕES

Este capítulo apresenta a vinculação mais detalhada entre as teorias cognitivas, principalmente a Teoria da Relevância, as teorias neurocognitivas e psicocognitivas propostas por Santos e Godoy (2021), que apontam para um estudo pragmático que leva em consideração os processos emocionais e cognitivos que ocorrem durante o raciocínio e interpretação na comunicação.

Santos e Godoy (2021) propõem a descrição de processos interpretativos no ser humano que envolvem a relevância na busca de efeitos cognitivos e emotivos. Segundo os autores, através de estudos nas áreas de neurociências cognitivas e da Psicologia cognitiva, a crescente pesquisa nessas áreas possibilitou novas hipóteses explicativas na área da Pragmática, sugerindo que os significados afetivos e os efeitos proposicionais são constituintes dos processos interpretativos, com duas instâncias mentais operando efeitos informativos e afetivos, respectivamente

A TR, proposta por Sperber e Wilson (2001), deixa explícita a orientação racional na cognição humana comunicacional, principalmente pela priorização de processamento de informações que são consideradas mais relevantes em interações conversacionais, buscando o máximo de efeitos cognitivos (benefícios) com o mínimo emprego de recursos de processamento (custo). Segundo Santos e Godoy (2021), essa relação entre o esforço e o efeito é a chave para a TR: quanto maior for o benefício cognitivo e menor o custo de processamento, maior será a sua relevância. Para Sperber e Wilson (2001), um *input* informativo é otimamente relevante se e somente se atender a duas cláusulas procedurais: (i) ser relevante o suficiente para merecer o esforço de processamento do ouvinte; (ii) ser o mais relevante compatível com as habilidades e preferências do falante.

Santos e Godoy (2021) advogam que o modelo cognitivo-racionalista de Sperber e Wilson (2001) é plenamente adequado para descrever processamento cognitivo, mas que existem lacunas explicativas no caso de enunciados nos quais os benefícios emocionais parecem se sobrepor aos informativos. Para Sperber e Wilson (2001), enunciados como “eu te amo!”, seriam considerados como *efeitos não proposicionais*, que são classificados pelos autores como implicaturas fracamente comunicadas.

Tendo em vista os novos estudos na área, pode-se então começar a vislumbrar como a emoção, responsável também pelos processos de equilíbrio

dinâmico do corpo, se coaduna ao processo de relevância como descrito por Sperber e Wilson (2001). Para fazer essa junção dos estudos das emoções com os estudos pragmáticos, o linguista Wharton (2021) e seus colaboradores traçam como objetivo “corrigir” o que eles consideram ser um desequilíbrio nas teorias de interpretação de enunciados.

Wharton *et al.* (2021), em seu artigo, reúnem o conceito de relevância desenvolvido pela TR com o conceito de relevância desenvolvido pelas ciências afetivas. Os autores argumentam que as ciências afetivas – ao apontarem para a ideia de que um objeto/situação é relevante se aumentar a probabilidade de satisfação ou insatisfação do indivíduo – e a Pragmática orientada pela relevância podem estar envolvidas no estudo dos mesmos fenômenos, apenas olhando por perspectivas diferentes.

Portanto, segundo Santos e Godoy (2021), as neurociências cognitivas fornecem uma base científica sobre como as emoções influenciam na comunicação humana, sendo que o ato comunicativo seria relacionado com o desejo. As emoções, que atribuem níveis afetivos às representações mentais, seriam o gatilho da relevância do enunciado.

Santos e Godoy (2021) adotam alguns conceitos de Cosmides e Tooby (2008) para indicar que as emoções são, de fato, um programa cognitivo complexo que se sobrepõe aos subprogramas cognitivos responsáveis por várias funções específicas: atenção, percepção, decisão, metas, busca e seleção de informações, e até mesmo alterações fisiológicas e aos próprios processos inferenciais comunicativos. E conforme Gazzaniga, Ivry e Magnum (2006), as emoções e cognição racional, embora executem atividades independentes, são interdependentes (SANTOS; GODOY, 2021, p. 439).

Damásio (2020a) defende a ideia de que, em processos de tomada de decisão, o aparelho processador cerebral evoluiu de forma a, mesmo que inconscientemente, “desejar” sempre o bem-estar. Nesta concepção, de cunho psicológico, o desejo é um impulso relativamente permanente, oriundo de experiências primárias de satisfação que geram memórias perceptivas e representações sensoriais específicas. O desejo ativa comportamentos corporais e processos cognitivos com o objetivo de vivenciar novamente situações ou eventos similares à experiência primária, com vistas à repetição da satisfação registrada na memória perceptiva ou representação sensorial.

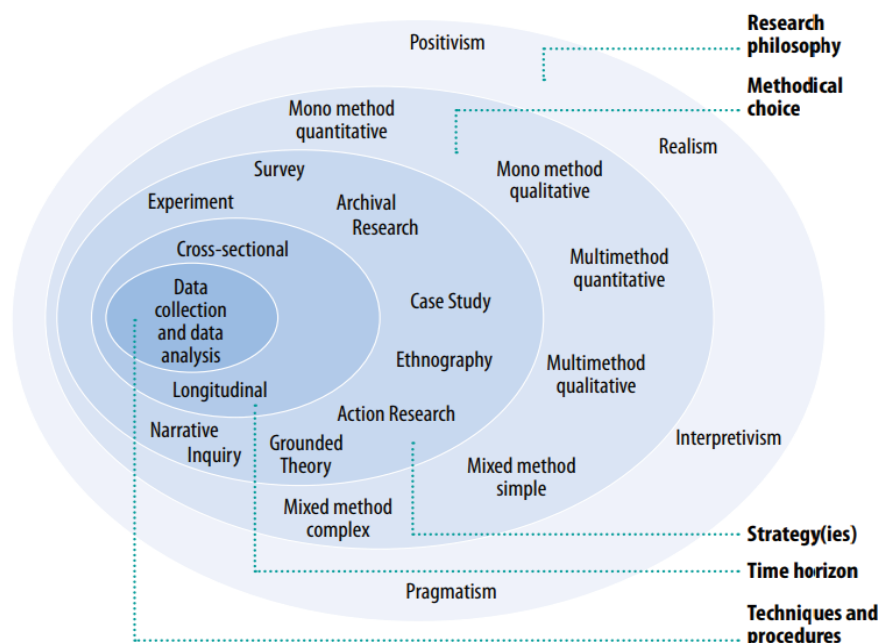
Baruch de Espinosa (1997) faz uma descrição diferente do desejo, situando-o como uma movimentação interna do organismo para evitar ameaças à sua existência ou sobrevivência, em um esforço de autopreservação que Espinosa chama de *conatus*. Santos e Godoy (2021) partem então da premissa de que o desejo é uma busca de algo a ser possuído ou usufruído, levando à uma divisão fundamental entre o *desejo racional* (busca do conhecimento) e o *desejo emocional* (busca do bem-estar).

Em acordo com este modelo teórico, o restante deste capítulo trata dos enunciados escolhidos como objetos de análise pragmática, congregando razão e emoção. A análise é precedida por breve enquadre metodológico, que situa a pesquisa de acordo com parâmetros formais de classificação que norteiam o estudo.

4.1 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa proposta nesta dissertação segue os conceitos descritivos do *research onion* de Saunders e Tosey (2012/2013), que classifica a pesquisa a partir de 1) filosofia, 2) escolhas metodológicas, 3) estratégias, 4) horizonte temporal e 5) técnicas e procedimentos, conforme ilustra a Figura 1.

FIGURA 2 – CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA (*RESEARCH ONION*)



FONTE: Saunders e Tosey (2012/2013, p. 59).

Seguindo a classificação, a filosofia desta pesquisa é o *Realismo/Racionalismo*, sendo que a pesquisadora reúne os dados disponíveis e, através da interpretação de percepções e ações dos envolvidos, busca explicar a construção da realidade/contexto que corresponde aos comportamentos humanos no fenômeno investigado. Para o segundo item, a escolha metodológica é o *método único qualitativo*, consistindo na análise pragmática de enunciados em duas situações comunicativas, sem envolvimento de dados numéricos, métricas ou estatísticas com fins de generalização.

Como estratégia optou-se pela *pesquisa de arquivo*, selecionando duas situações comunicativas coletadas anteriormente para outras pesquisas como objeto de análise. O horizonte temporal é *transversal*, pois os dados analisados referem-se a dois eventos breves, circunscritos a duas situações comunicativas, sem acompanhamento prévio ou posterior dos participantes.

Finalmente, quanto às técnicas e procedimentos, a unidade de análise dos processos comunicativos é o processo inferencial dos enunciados coletados em situações de comunicação real, sendo uma situação de comunicação vivenciada pela autora (“Eu te amo!”) e uma construção de pronome de tratamento entre um casal (“Franguinha Biscoitosa”), já tratada em texto anterior pela autora sob outra perspectiva teórica (RAMUSKI; ANDERSEN, 2019).

Ainda nas técnicas e procedimentos, a análise dos dados é suportada pela fundamentação teórica com abordagem interdisciplinar, partindo de conceitos de diferentes áreas de pesquisa que abrangem desde as áreas de neurociências cognitivas – especificamente, a neurociência afetiva de Damásio (2018, 2020a, 2020b) – juntamente com as recentes pesquisas na área da Pragmática cognitiva (SANTOS; GODOY, 2021; WHARTON, 2021), que trazem propostas de interface entre os estudos da linguagem e a cognição humana. De forma complementar, a teoria que fundamenta o processo inferencial na comunicação é a Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 1995), que oferece a estrutura básica cognitiva dos processos interpretativos a serem tratados neste estudo.

A relação entre os campos propostos procura evitar a redução do fenômeno comunicativo a uma simples questão de “codificação e decodificação”, tratando-o como fenômeno complexo que possui várias facetas, comportando a participação das emoções em sua tentativa de explicação plena.

4.2 EFEITO RACIONAL E EMOCIONAL NA INTERPRETAÇÃO DOS ENUNCIADOS EXEMPLIFICATIVOS

Como mencionado ao longo desta dissertação, a análise concentra-se sobre dois exemplos de situações comunicativas reais. A primeira refere-se à esposa que chega do cabeleireiro e pergunta ao marido:

(C) Esposa: Você gostou do meu cabelo?

Marido: Eu te amo!

Primeiramente, é necessário ressaltar que, como o objetivo do estudo centra-se na interpretação humana e sobre os efeitos oriundos dessa comunicação, nesse caso não será considerada a produção enunciativa interrogativa da esposa, mas sim a análise dos efeitos emocionais disparados pela resposta do marido. A partir do referencial teórico escolhido para esse estudo (DAMÁSIO, 2018; 2020a; 2020b; WHARTON, 2021; SPERBER; WILSON, 2001; SANTOS; GODOY, 2021; GAZZANIGA; IRVRY; MAGNUM, 2006), é realizada uma análise dos processamentos cognitivos e os efeitos emotivos da interpretação da esposa.

Pode-se começar a descrição do processo da seguinte forma: a sequência fônica do enunciado é cognitivamente restringida a um código neuronal (forma lógica-linguagem de processamento mental), e chega até a memória de curta duração. Chegando à memória de curta duração, que está sempre *online*, essa memória é operacionalmente limitada, já que seres humanos não conseguem processar esse “tudo” de forma eficaz (SANTOS; GODOY, 2021).

De acordo com a TR, a cognição humana é propensa a processar os *inputs* mais relevantes, e a seleção desses *inputs* é feita pela estrutura de Atenção Seletiva. Nesse nível, a forma lógica é orientada a duas estruturas ao mesmo tempo: (i) Memória Enciclopédica e (ii) Estruturas Límbicas. As estruturas límbicas, quando acionadas, ficam preparadas para o processamento emocional (SANTOS; GODOY, 2020).

A forma lógica do enunciado “eu te amo!”, ao chegar à Memória Enciclopédica da esposa, já verifica se existe ali alguma referência armazenada sobre o enunciado. Se não houver nenhuma representação conceitual, a Memória Enciclopédica ativa o

domínio Interesse para a forma lógica. Sendo de interesse da esposa, a forma lógica é então submetida ao crivo inferencial da Memória Dedutiva, responsável pelo processamento de todas as informações contextuais advindas dos estímulos sensoriais que foram ativados no momento do enunciado. O produto resultante das operações inferenciais da Memória Dedutiva é um misto de informações contextuais a serem processadas com as informações que já estão armazenadas na Memória Enciclopédica da esposa.

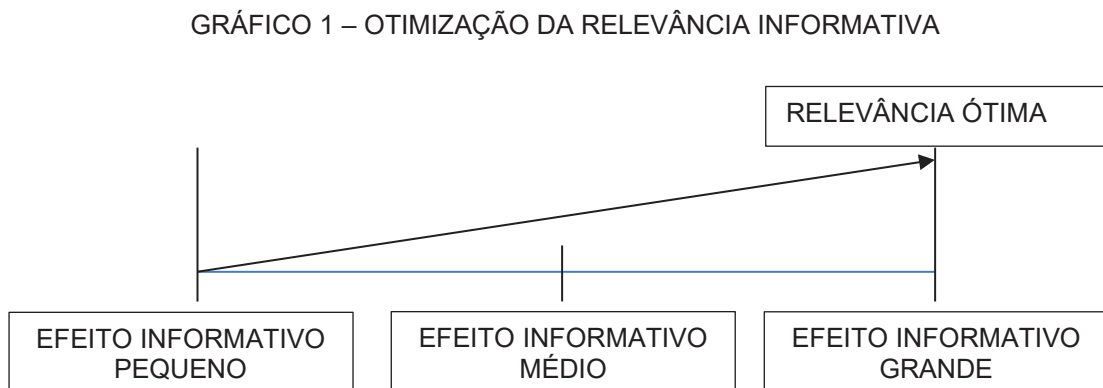
Esse produto é chamado por Santos e Godoy (2020) de “holograma semântico”, que seria a imagem virtual tridimensional gerada pela cognição a partir do enunciado, ou seja, a representação que a mente cria para o enunciado. Em outras palavras, o holograma semântico é a representação da “forma do conteúdo” no mundo do ouvinte (ou em um mundo provável/possível a ele). Os autores ressaltam que o holograma semântico só fará sentido na Memória Enciclopédica do ouvinte se houver “sentido” semântico no mundo do ouvinte. Se assim for, a interpretação segue adiante; caso contrário, a cognição fará novas inferências até projetar um novo holograma que se encaixe semanticamente (faça sentido) no mundo (ou em um dos mundos) do ouvinte, ou o processo é abandonado.

Na medida em que foi consolidado o holograma a um estado mental de mundo para ouvinte, esse holograma chega à instância de Vigilância Epistêmica. A vigilância epistêmica para Sperber *et al.* (2010), é um raciocínio avaliativo que julga o quanto confiável é a pessoa com a qual se interage. Se o holograma semântico não corresponder à verdade no mundo do ouvinte, a Vigilância Epistêmica envia-o novamente a Memória Dedutiva. Caso seja do interesse do ouvinte, será novamente submetido a inferências, aumentando o curso inferencial. Não havendo desejo ou interesse por parte do ouvinte, a Memória Inferencial cessa o processamento.

Se o holograma semântico passar pela Vigilância Epistêmica, ele chega à estrutura Relevância. Segundo Sperber e Wilson (2001), a relevância é uma propriedade cognitiva que avalia se a informação vale a pena ser processada. Sendo, como observado no capítulo anterior, o desejo a essência da vida, ocorre nesse estágio a ação dos desejos da esposa.

Segundo Santos e Godoy (2020), nessa estrutura, o holograma é impulsionado pelo desejo intelectual, potencializando a relevância informativa (doravante RI) do ouvinte, quanto mais (ou menos) o ouvinte deseja a informação, mais/menos relevante se torna. Os autores dizem que o RI é o gatilho que conduz o

holograma à otimização da relevância. Essa potencialização sobre o holograma impactará no seu efeito informativo, isto é, seu conteúdo. O efeito informativo, cognitivamente, corresponde ao alívio das operações inferenciais feitas pela Memória Dedutiva para a interpretação do enunciado. Para resumir, o efeito informativo é o domínio mental da saturação do RI de um enunciado. O Gráfico 1, desenvolvido pelos autores, traz a representação da RI:



FONTE: Adaptado de Santos e Godoy (2020).

Tendo sido saturado o efeito informativo (tendo atingido a relevância ótima), no nível de consciência, o holograma tem agora uma implicação contextual para a esposa, uma experiência mental do enunciado. Essa tomada de consciência da esposa é o que é chamado de significado.

Perfazendo o percurso cognitivo, o holograma segue a Memória Enciclopédica, onde será aferido às informações ali existentes, de modo que a nova representação mental promova um aperfeiçoamento nas representações já armazenadas. Então, o holograma “É... ficou bom” se instala na Memória Enciclopédica como conhecimento novo (um conceito). Uma vez atingido esse estágio, a Memória Dedutiva cessa o processamento inferencial informativo (SANTOS, GODOY, 2021, p. 53).

No caso da resposta em análise, que é o enunciado “eu te amo!” feito pelo marido, esse mesmo enunciado passará por todo o processo cognitivo descrito, atingindo a relevância ótima e então passando a ativar o processamento emotivo.

Nesse processamento, que ocorre concomitantemente com o processamento informativo, a forma lógica, ao se dirigir à Memória Enciclopédica da esposa, chega também às estruturas límbicas, que ficam engatilhadas para disparar as reações neuroquímicas sobre o conteúdo do efeito emotivo. Portanto, o efeito emotivo causado pela resposta do marido não corresponde somente à ativação de uma única estrutura

mental, mas de uma complexa rede de estruturas. Dessa forma, as estruturas límbicas vão “ativar” a estrutura Desejo, que por sua vez dispara o “desejo emocional” para o enunciado. Organicamente, o desejo emocional é o que impele o ser humano em busca pela satisfação e prazer (SANTOS; GODOY, 2021).

Segundo Santos e Godoy (2021) o desejo intelectual do ser humano comanda a estrutura Interesse, e essa estrutura mantém uma relação estreita com a estrutura Relevância; quanto mais o ouvinte desejar acessar a informação, mais relevante ela se torna e vice-versa. Para os autores, essa dinâmica cognitiva é o que garante afirmar que o ‘desejo’ é o gatilho da ‘relevância’ da interpretação humana. Partindo disso, o holograma potencializado à relevância ótima é enviado então à estrutura Efeito, onde ele será enriquecido pelas crenças reflexivas do ouvinte, que são os elementos contextuais que incidem sobre o significado para o ouvinte. Para Santos e Godoy (2020; 2021), o desejo emocional gera os comportamentos de categorização e valoração dos afetos nos processos interpretativos, com vistas à maximização positiva ou negativa da relevância que possivelmente esteja presente nos enunciados. É o que os autores chamam de relevância emotiva (RE).

No caso do enunciado em análise, mesmo que a resposta “eu te amo!” já seja um enunciado imbuído de conteúdo emocional, esse enunciado passa por todo o processo lógico de inferência para, então, ter a estrutura límbica ativada e, com isso, seguir para a interpretação emocional desse conteúdo. A interpretação desse enunciado pode variar de acordo com o sentimento de fundo experienciado pela esposa no momento da enunciação, assim como também é influenciado por todo o contexto mental da esposa no momento.

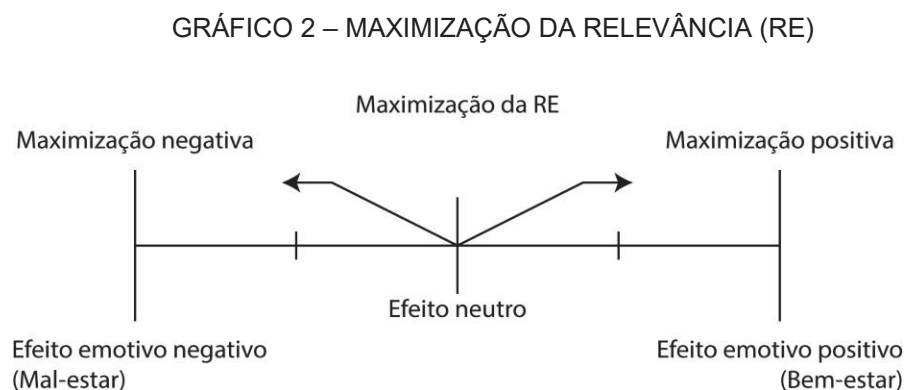
Na análise do apelido afetivo “franguinha biscoitosa”, ocorre algo semelhante. Primeiramente, a forma lógica passará pela memória enciclopédica, para ser verificada a verdade no mundo do ouvinte. Se esse conteúdo não existir no mundo do ouvinte, ele será ignorado ou será feita uma nova tentativa de inferência por parte do ouvinte. Caso o significado real do apelido não exista na mente do ouvinte, ele provavelmente será erroneamente interpretado, ou interpretado de acordo com o conteúdo valorativo existente na mente do ouvinte. Sendo, então, o ouvinte uma pessoa de fora, que não tem conhecimento do contexto mental partilhado pelo casal, esse apelido poderá (e provavelmente será) interpretado como ofensivo ou cômico.

Fazendo o percurso descrito por Santos e Godoy (2021) para explicar como funciona o efeito emotivo, os conceitos de Damásio se compatibilizam com o recente

estudo, no qual se propõe que intercâmbios conversacionais geram reações de bem-estar e ou mal-estar, níveis psicocognitivos que formatam a interpretação afetiva humana. Nesse estudo, os autores explicam que o bem-estar gera a emoção básica alegria, conduzindo ao efeito afetivo dos estados de contentamento, satisfação, amor e felicidade, sentimentos positivos humanos. Em contrapartida, o mal-estar se manifesta em quatro emoções básicas: tristeza, raiva, nojo e medo. A tristeza gera sentimentos negativos como a decepção, insatisfação, vergonha e frustração; a raiva conduz a sentimentos de irritação, fúria, aborrecimento e ódio; o medo dispara a ameaça, ansiedade, intimidação, ciúme e inveja; e o nojo leva a repugnância, asco e náusea (SANTOS; GODOY, 2020).

Estando as emoções e sentimentos intimamente relacionados à avaliação psicocognitiva individual das circunstâncias em que os enunciados ocorrem (de acordo com o Quadro 1 apresentado anteriormente), as expectativas de interpretação do enunciado do marido podem gerar tanto os sentimentos positivos ou negativos. A depender da avaliação que ela faça, o efeito será maximizado positiva ou negativamente, ao máximo ou ao mínimo. Os autores dizem que, organicamente, o efeito emotivo é o estado mental emergente da ativação de estados emocionais categorizados na Memória Emotiva. O conteúdo dessa excitação será também armazenado na Memória Afetiva como sendo a experiência/vivência do efeito emotivo do enunciado. É o que os autores conceituam como sentimento (SANTOS; GODOY, 2020).

O Gráfico 2 ilustra como ocorre a relação Relevância Emotiva (RE) em comparação com o efeito emotivo:



FONTE: SANTOS; GODOY, 2020.

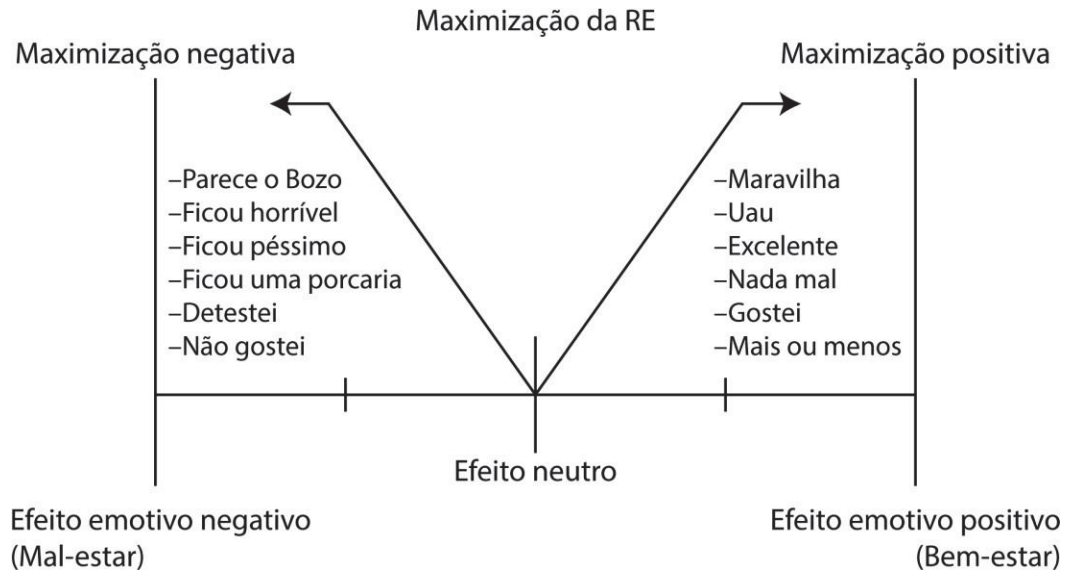
O enunciado “eu te amo!”, terá o efeito emotivo categorizado na mente da esposa pela valência positiva ou negativa, a qual dispara a ação nas estruturas límbicas. Para o efeito positivo, as estruturas límbicas acionam as estruturas Pré-emoções (constantes do Quadro 1), que disparam, então, as valências “bem-estar/bom/agradável”. Se ocorrer o efeito negativo, as estruturas límbicas dispararão as valências “mal-estar/ruim/desagradável”. Segundo Santos e Godoy (2020; 2021) existe uma interface simbiótica entre a Memória Enciclopédica e a Memória Afetiva, quando o efeito positivo do holograma chega até a Memória Emotiva, esta ativa o potencial da (recente) representação conceitual do holograma na Memória Enciclopédica, e o efeito emotivo, encontrando a sua contraparte informativa, atinge o grau “maximização positiva da relevância”. O sentimento do enunciado dito pelo marido corresponde, então, ao potencial emocional que opera na valência bom/agradável, a qual é modulada em graus de emotividade (alta intensidade e potencialização emocional) que são correlatos às variáveis “amor/felicidade”, categorizadas na Memória Emotiva (SANTOS; GODOY, 2020).

Portanto, se o enunciado “eu te amo!” existir na Memória Emotiva da esposa como uma resposta do marido que assegura que a ama independentemente de como ela se pareça, esse enunciado será provavelmente interpretado como positivo, mesmo que a informação da resposta não seja uma indicação direta de aprovação. Caso isso seja suficiente para a esposa naquele momento, esse enunciado será interpretado como positivo, e ativará a pré-emoção alegria, que gerará os sentimentos de satisfação, amor e felicidade.

Não é possível ignorar, contudo, que a resposta do marido possa causar o sentimento de tristeza ou raiva, por não ter sido uma resposta direta sobre a aparência da esposa. Nesse caso, quando o efeito negativo chega à Memória Emotiva, esta ativa o potencial da (recente) representação conceitual do holograma na Memória Enciclopédica, e o efeito emotivo, encontrando a sua contraparte informativa, atinge o grau “maximização negativa da relevância”. O enunciado corresponde, então, ao potencial emocional que opera na valência ruim/desagradável, a qual é modulada em graus de emotividade (alta intensidade e potencialização emocional) correlatos às variáveis “decepção, insatisfação, vergonha e frustração”, categorizadas na Memória Emotiva (SANTOS; GODOY, 2021).

Para representar essa variação, Santos e Godoy (2020) apresentam o Gráfico 3:

GRÁFICO 3 – MAXIMIZAÇÃO DA RELEVÂNCIA EMOTIVA (RE) PARA A ESPOSA



FONTE: SANTOS ; GODOY, 2020.

Segundo Santos e Godoy (2020), os gráficos apresentados apontam diferenças nos processos. No Gráfico 1 a RI tende à otimização do efeito informativo, mas nos Gráficos 2 e 3, a RE tende à maximização, positiva ou negativa, do efeito emotivo. Para os autores, isso significa que, como afirmado anteriormente, a RE potencializa o efeito emotivo tanto positivamente quanto negativamente ao máximo ou ao mínimo. Já a segunda observação, diz respeito à diferença entre otimização e maximização.

A TR, na interpretação de um enunciado, diz que a otimização da relevância informativa (RI) remete à ideia de “efeito informativo na medida certa”, isto é, o processamento inferencial informativo cessa quando a interpretação atinge a relevância informativa ótima e o efeito for grande. Já em relação à maximização da relevância emotiva (RE), essa é modulada em “níveis potenciais de emotividade”, ou seja, o efeito emotivo é flutuante e varia de acordo com o contexto mental emocional do interlocutor.

No caso em análise, se houver na Memória Emotiva da esposa uma indicação de que o marido usa/já usou o enunciado “eu te amo!” para não responder de forma sincera à uma pergunta, esse enunciado, por mais que contenha um conteúdo emocional positivo, ainda poderá ser interpretado como negativo, a depender do contexto mental da esposa e do sentimento de fundo que ela experimenta no momento da interpretação.

De acordo com Santos e Godoy (2020) é possível ainda especular um pouco mais sobre o significado que o efeito emocional pode despertar na esposa a partir da expectativa de interpretação por parte dela. Se a expectativa era de que o marido fizesse um comentário direto sobre o corte do cabelo, o enunciado “eu te amo!” abre algumas possibilidades de implicatura para a esposa:

- a) Implicatura sobre si mesma; ansiedade (alto grau de emoção);
- b) Implicatura sobre o marido; indiferença (baixo grau de emoção);
- c) Implicatura sobre si mesma: fiquei feia (baixa autoestima);
- d) Implicatura sobre o marido: não gostou (decepção).

No nível reativo, a atitude mental da esposa em relação ao marido, em face dos efeitos emotivos que o enunciado “eu te amo!” implicaram, pode ser pragmaticamente afetada por um destes significados:

- a) Meu marido é um grosso;
- b) Meu marido não presta atenção em mim;
- c) Meu marido é um idiota;
- d) Meu marido é um babaca;
- e) Etc.

Sendo a linha que separa o efeito positivo do negativo muito tênue, para os sentimentos positivos pode-se especular que os efeitos emotivos foram:

- f) Meu marido me ama incondicionalmente;
- g) Meu marido adorou meu cabelo;
- h) Meu marido me apoia;
- i) Etc.

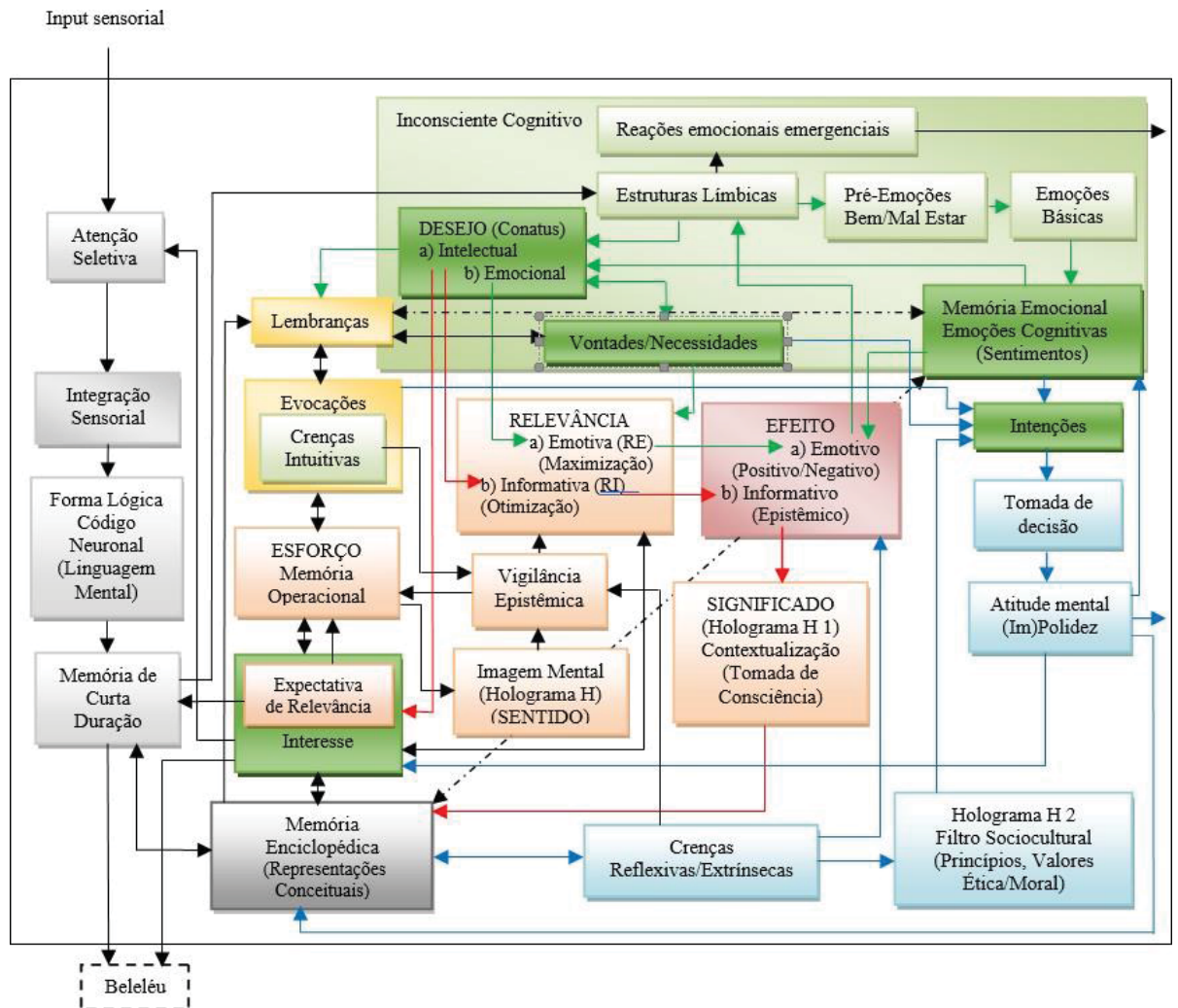
A mesma situação ocorre para o apelido “franguinha biscoitosa”. Esse apelido, existindo na Memória Emotiva da esposa como uma evocação carinhosa por parte do marido, ao passar pela Memória Enciclopédica, não gerará uma implicatura de ofensa, nem um sentimento de mal-estar, como pode acontecer com uma pessoa que não conheça o contexto partilhado pelo marido e pela esposa. Nesse caso, ao haver concordância entre o conteúdo emocional da informação a ser tratada e o estado

emocional do ouvinte, existe o fortalecimento da representação emocional e informativa nas respectivas memórias, de modo que agiliza e melhora o acesso às representações quando estas venham a ser evocadas em um novo processamento.

Como esse apelido foi criado pelo casal em um momento de afeto, essa representação ficará armazenada como positiva, ativando sempre o estado de bem-estar/amor quando evocada. Cada vez que esse *input* sensorial ativar a Memória Enciclopédica e a Memória Emotiva da esposa, seja por estímulo externo ou interno (memória, lembrança e afins) haverá a excitação do sentimento “amor” em sua Memória Emotiva. Caso haja um indivíduo de fora, que faça a inferência negativa desse enunciado, ele só poderá ser compreendido como afetivo através da explicação por parte do casal e, mesmo assim, a terceira pessoa pode não compreender o afeto envolvido no enunciado, pois não partilha da Memória Afetiva existente na mente do marido e da esposa.

Para exemplificar como ocorre o processamento dos efeitos informativo e emotivo, Santos e Godoy (2021) desenvolveram o Quadro 2:

QUADRO 2 - PROCESSAMENTO INFORMATIVO E EMOTIVO



FONTE: SANTOS; GODOY, 2021, p. 441.

Esse esquema tem o intuito de possibilitar a visualização dos processos de interpretação, contudo, a proposta não esgota a discussão sobre a natureza da relevância e dos efeitos cognitivos na interpretação, assim como a exposição em blocos é meramente didática, pois organicamente a cognição humana contém uma complexa rede de conexões do sistema nervoso central.

Segundo os autores, a conexão pontilhada bidirecional entre a Memória Enciclopédica e a Memória Emotiva, e a que une a Memória Afetiva à estrutura Lembranças, representam operacionalidade mútua (simbiose) entre essas estruturas (a mesma convenção operacional vale para as setas bidirecionais contínuas de outras estruturas). No primeiro caso, os autores dizem que a conexão é um processo, porque opera sobre o curso da interpretação. No segundo caso, a conexão é sistêmica, pois as estruturas são ativadas apenas quando uma excita a outra.

O “beleléu” é alegoricamente chamado pelos autores, e é a instância mental para onde se presume que a cognição envie as formas lógicas dos *inputs* não selecionados no processamento. Essas informações enviadas para o “beleléu” são descartadas e excluídas do raciocínio dedutivo, não podendo mais serem trazidas para o processamento.

No que se refere às “lembranças”, estas são elementos que evocam as imagens mentais das experiências epistêmicas e emotivas passadas, trazendo para o pensamento tais componentes como adjuntos ao processamento interpretativo. Já as “evocações” seriam os pensamentos atuais do indivíduo, processos cognitivos que envolvem planejamento de ações e comportamentos, envolvendo passado e futuro, o que ocorre, por exemplo, com os pensamentos que se formam quando o indivíduo está dirigindo, almoçando, passeando ou tentando dormir.

Com isto, é possível concluir que o processamento de interpretação humana não pode ser analisado por somente uma única área ou teoria. Como o cérebro é um sistema complexo de redes neuronais, não é possível investigar o objeto complexo da interpretação humana sem uma perspectiva interdisciplinar, tendo em vista todas as condições psicofisiológicas que são disparadas por esses enunciados nos indivíduos. Conforme Damásio (2020a), os sentimentos são corresponsáveis pelo raciocínio e tomada de decisão, portanto, torna-se cada vez mais essencial o estudo das emoções e da neurociência, juntamente com o estudo da linguagem, em especial a Pragmática, para uma melhor compreensão do processo inferencial humano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado nesta dissertação teve como foco principal explicitar um pouco mais sobre o complexo fenômeno da interpretação humana, e o que se pode concluir foi que, de fato, as emoções têm um papel crucial na interpretação de enunciados.

No escopo das leituras realizadas e dos exemplos analisados, ficou claro que quando a informação vem acompanhada de emoção, a representação conceitual é mais forte. Diante deste fato, é refutada a ideia de que existe uma contaminação da relevância informativa pela relevância afetiva, pois o desejo pelo conhecimento informativo prevalece inicialmente sobre o emotivo, mantendo como válidos os princípios da Teoria da Relevância.

Os estudos desenvolvidos por Santos e Godoy (2021) e Wharton (2021) procuram integrar os processos cognitivos emocionais aos processos cognitivos racionais, empregando conceitos e resultados das áreas de neurocognição, Psicologia cognitiva, e Pragmática. A proposta integrativa soma-se aos princípios da TR, dando um novo fôlego e abrindo mais caminhos para afirmar a teoria, uma vez que preserva o conceito de “efeito” e de “relevância” oriundos do processamento inferencial.

Entende-se que as emoções desempenham o papel de agentes pragmáticos na busca por efeitos cognitivos positivos, já que elas dirigem a cognição a partir do princípio de relevância, identificando continuamente o que deve ou não ser processado em uma relação de custo e benefício. Portanto, as emoções e sentimentos funcionam como parte essencial da busca por relevância informativa, auxiliando a cognição no processo de decisão e raciocínio, filtrando de maneira drástica as hipóteses e cenários futuros e tornando (mais) manifesto aquilo que é relevante para a interpretação.

Assim, a investigação da informatividade *versus* emotividade permanece um caminho a ser trilhado, sendo importante explicar com mais detalhes como a afetividade modula os processos de produção e de interpretação de enunciados. Fica também claro que são necessárias pesquisas interdisciplinares na abordagem do objeto, apontando mais uma vez a necessidade de relação entre as diversas áreas que estudam a comunicação e cognição humana.

Como sugestão para estudos futuros, indica-se principalmente a expansão do *corpus* de análise, pois é necessário compor um quadro extenso de exemplos que

comprovem a relação intrínseca entre emoção e racionalidade nos processos de comunicação humana. Ainda, deve-se buscar com o mesmo empenho os exemplos que possam se contrapor ou questionar as hipóteses propostas para os efeitos emotivos nos processos interpretativos, algo que não foi possível no espaço desta dissertação.

Também é importante que pesquisas nesta área acompanhem de maneira muito próxima os avanços das neurociências no que diz respeito às emoções e seus efeitos no organismo, pois estes interferem decisivamente na racionalidade, lógica e cognição, compondo um todo inseparável nos seres humanos. Da mesma forma, desponta a importância de manter o olhar sobre as teorias que abordam a cognição da perspectiva evolucionista, descrevendo comportamentos e processos que se desenrolam de forma heurística ou “automática” na espécie. Tal lógica interdisciplinar requer esforços do pesquisador, que precisa dominar simultaneamente áreas diversas do conhecimento, e que estão em contínua expansão.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, T. P. **O desejo na psicanálise**: do objeto do desejo ao objeto causa de desejo. 120 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2018.
- CORRÊA, M. F. Espinosa e a neurociência afetiva de Damásio. **Análogos XIV, XIV**, 54-62, 2014.
- COSTA, J. C. **A relevância da pragmática na pragmática da relevância**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2008.
- DAMÁSIO, A. R. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes**: Emoção, Razão e Cérebro Humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a [1994].
- DAMÁSIO, A. R. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b [1999].
- DARWIN, C. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009 [1872].
- DOMINGOS, C. **Metarrepresentação ad extremum**: a tradução do humor como superposição interpretativa. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR. 2016.
- EKMAN, P. **A linguagem das emoções**: Revolucione sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor. Trad. Carlos Szlak. ed Lua de Papel, São Paulo, 2011.
- ESPINOSA, B. de. **Tratado da correção do intelecto**. São Paulo: Nova Cultural, 1997. Coleção Os pensadores.
- FIGUEREDO, P. M. V. A Influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento. **Ciência Cognitiva**, v.6, n.1, p. 123-132, 2005.
- GAZZANIGA, M. S.; IVRY, R. B.; MAGNUN, G. R. **Neurociência Cognitiva**: a biologia da mente. Tradução de vários autores. 2 ed. São Paulo: Artmed-Bookman, 2006.
- GODOY, E. (org.) **Coletânea do I Workshop Internacional de Pragmática**. Curitiba: Editora UFPR, 2014.
- GODOY, E. (org.) **Coletânea do II Workshop Internacional de Pragmática**. Curitiba: Editora UFPR, 2016.

GOTTMAN, J. M. Psicologia e o estudo dos processos conjugais. **Annual Review of Psychology**, v. 49, p. 169-197, 1998.

GRICE, P. Further Notes on Logic and Conversation. **Syntax and Semantics:Pragmatics**, v. 9, COLE, P. (ed.), New York: Academic Press, p. 183-97. Reprinted in H. P. Grice (ed.), *Studies in the Way of Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

GRICE, H. P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, M. **Pragmática: Problemas, críticas e perspectivas da Linguística**. Trad. João Wanderley Geraldi. Campinas: Unicamp, 1982.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MOURÃO-JÚNIOR, C. A.; OLIVEIRA, A. O.; FARIA, E. L. B. Neurociência cognitiva e desenvolvimento humano. **Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v. 7, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/9552>. Acesso em: 17 set. 2022.

OLIVEIRA, N. de. Damásio, Neurociência e Neurofilosofia. **Fronteiras do Pensamento**, jun. 2013. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/damasio-neurociencia-e-neurofilosofia>. Acesso em: 28 set. 2022.

PORTO EDITORA. **Franga no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa** [online]. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/franga>. Acesso em: 19 set. 2022.

RAMUSKI, A. C. F. da C. C.; ANDERSEN, A. J. M. Franguinha Biscoitosa: uma análise pragmático-cognitivista sobre os processos inferenciais em implicaturas particularizadas. In: GODOY, E. *et al.* (Orgs.) **Anais da I Jornada Internacional de Pragmática**. Curitiba: Lupa Edições e Soluções Linguísticas, 2019.

RODRIGUES, D. F. **Cortesia Linguística - Uma competência discursivo-textual**. Lisboa: Universidade de Nova Lisboa, 2003. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

SANDMANN, A. J. **Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo**. Curitiba: Editora LTDA, 1989.

SANTOS, S. L. **A interpretação da piada na perspectiva da relevância**. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, Brasil, 2009.

SANTOS, S. L. A relevância afetiva e a (complexidade da) interpretação humana. **II Congresso Internacional de Estudos da Linguagem**. Ponta Grossa, Paraná, Brasil, 24 a 26 de outubro de 2017.

SANTOS, S. L. dos; GODOY, E. Efeito racional e efeito emocional: um estudo pragmático da cognição humana. **Revista Memorare**, Dossiê Especial Pragmática: desenvolvimentos e extensões. Tubarão, v.7, n.2, mai./ago., p. 44-58, 2020.

SANTOS, S. L. dos; GODOY, E. Arquitetura do processamento cognitivo: efeito racional e efeito emocional. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, SC, v.21, n.3, p. 435-545, set/dez. 2021.

SAUNDERS, M.; TOSEY, P. The Layers of Research Design. **Rapport**, p. 58-59, 2012/2013. Disponível em: <https://www.csd.uoc.gr/~hy109/resources/layers.pdf>. Acesso em: 17 set. 2022.

SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevância**: comunicação e cognição. Tradução: Helen Santos Alves. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. 397 p.

SPERBER, Dan et al. **Epistemic vigilance**. *Mind & language*, v. 25, n. 4, p. 359-393, 2010.

STREY, C. **Linguagem e emoções**: um estudo em interfaces. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 2011.

VANIN, A. **A relevância em comunicação**: a construção de inferências internas e externas a filmes publicitários. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 2007.

WHARTON, T.; BONARD, C.; DUKES, D.; SANDER, D.; OSWALD, S. Relevance and emotion. **Journal of Pragmatics**, v. 181, p. 259-269, ago. 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378216621002216>. Acesso em: 26 set. 2022.